

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS RURAIS
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL**

**JORNALISMO E MEIO AMBIENTE: UM ESTUDO DE
RECEPÇÃO DA TEMÁTICA AMBIENTAL INSERIDA
EM UM JORNAL DE SANTA MARIA/RS**

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

Verônica Machado Barbosa

**Santa Maria, RS, Brasil
2014**

JORNALISMO E MEIO AMBIENTE: UM ESTUDO DE RECEPÇÃO DA TEMÁTICA AMBIENTAL INSERIDA EM UM JORNAL DE SANTA MARIA/RS

Verônica Machado Barbosa

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Educação Ambiental,
da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial
para obtenção do grau de **Especialista em Educação Ambiental.**

Orientador: Prof. Dr. Djalma da Silveira

Santa Maria, RS, Brasil

2014

Universidade Federal de Santa Maria

**Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Ciências Rurais
Curso de Especialização em Educação Ambiental**

**A Comissão Examinadora, abaixo assinada,
aprova a Monografia de Especialização**

**JORNALISMO E MEIO AMBIENTE: UM ESTUDO DE RECEPÇÃO DA
TEMÁTICA AMBIENTAL INSERIDA EM UM JORNAL DE SANTA
MARIA/RS**

Elaborada por
Verônica Machado Barbosa

como requisito parcial para obtenção de grau em **Especialista em Educação
Ambiental**

COMISSÃO EXAMINADORA:

Prof. Dr. Djalma da Silveira
(Orientador)

Prof^a. Dr^a. Damaris Kirsch Pinheiro (UFSM)

Prof^a. Dr^a. Ísis Pasquali (UFSM)

Santa Maria, 09 de janeiro de 2014.

RESUMO

Monografia de Especialização
Curso de Especialização em Educação Ambiental
Universidade Federal de Santa Maria

JORNALISMO E MEIO AMBIENTE: UM ESTUDO DE RECEPÇÃO DA TEMÁTICA AMBIENTAL INSERIDA EM UM JORNAL DE SANTA MARIA/RS

AUTORA: VERÔNICA MACHADO BARBOSA

ORIENTADOR: DJALMA DA SILVEIRA

Local e Data da Defesa: Santa Maria, 09 de janeiro de 2014.

O objetivo deste trabalho é investigar se as matérias ambientais de um jornal de Santa Maria/RS possibilitam a conscientização dos leitores ou são apenas informativas, através de uma pesquisa de campo quantitativa desenvolvida com leitores do jornal da cidade. Considera-se importante este estudo, pois possibilita entender como as notícias chegam até os leitores, sendo os meios de comunicação um dos principais formadores de opinião para as pessoas hoje em dia. Os jornais locais possuem um papel fundamental na divulgação da informação ambiental para que cada cidadão tome conhecimento do que está acontecendo em sua cidade e possa agir diante disso. Com a análise dos resultados, constatou-se que o jornal apenas informa, não traz em seu conteúdo questões com características que possibilitem a conscientização, apenas trata das questões factuais do dia-dia. Foi evidenciado que ainda falta para o jornal perceber a urgência de abrir novos espaços para pautas que cumpram o objetivo de tratar da problemática sócio-ambiental de forma interdisciplinar.

Palavras-chave: Jornalismo ambiental. Meio ambiente. Recepção.

ABSTRACT

Monograph of Specialization
Course of Specialization in Environmental Education
Universidade Federal de Santa Maria

JOURNALISM AND THE ENVIRONMENT: A STUDY OF RECEIPT OF ENVIRONMENTAL ISSUES WITHIN IN A NEWSPAPER SANTA MARIA/RS

AUTHOR: VERÔNICA MACHADO BARBOSA

ADVISOR: DJALMA DA SILVEIRA

Place and Date of Defense: Santa Maria, 09 de janeiro de 2014.

The objective of this study is to investigate whether environmental matters of a newspaper in Santa Maria/RS enables the awareness of readers or are informational only. The study was made through a quantitative field research conducted with readers of the city. This study is considered important, since it allows to understand how the news come to readers through the media that are one of the key opinion formers to people nowadays. Local newspapers have a key role in the dissemination of environmental information to every citizen becomes aware of what is happening in your city and can act on it. With the analysis of the results, it was found that the newspaper just inform the reader, does not bring in your content, issues with features that enable awareness, only deals with the factual issues of the day to day. It was shown that is still missing the newspaper realize the urgency of opening new spaces to discuss and meet the goal of addressing the social and environmental problems in an interdisciplinary way.

Keywords: Environmental journalism. Environmental. Reception.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Conteúdos por editorias.....	42
---	----

LISTA DE SIGLAS

ANJ	Associação Nacional de Jornais
CEBDS	Conselho Empresarial Brasileiro para o Desenvolvimento Sustentável
CNUMAD	Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente e o Desenvolvimento
DF	Distrito Federal
ECA/USP	Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo
Ecomídias	Associação Brasileira das Mídias Ambientais
FENAJ	Federação Nacional dos Jornalistas
FEPAGRO	Fundação Estadual de Pesquisa Agropecuária
IBAMA	Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis
IBOPE	Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística
IPCC	Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas
IPS	Agência Inter Press Service
LED	<i>Light-Emitting Diode</i>
MEC	Ministério da Educação
NCE	Núcleo de Comunicação e Educação
NEJ/RS	Núcleo de Ecojornalistas do Rio Grande do Sul
ONG	Organização Não Governamental
ONU	Organização das Nações Unidas
PNEA	Política Nacional de Educação Ambiental
PNUD	Programas das Nações Unidas para o Desenvolvimento
PNUMA	Programas das Nações Unidas para o Meio Ambiente
RBJA	Rede Brasileira de Jornalismo Ambiental
REBIA	Rede Brasileira de Informação Ambiental
TV	Televisão
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
UNIFRA	Centro Universitário Franciscano

LISTA DE ANEXOS

Anexo A-Matéria sobre Limpeza de canteiros e vias urbanas.....	58
Anexo B- Matéria sobre Ação a favor da natureza.....	59
Anexo C- Matéria sobre Postes da cidade com lâmpadas mais econômicas.....	60
Anexo D- Matéria sobre Acidente causou dano ambiental	61

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
1.1 Objetivos.....	10
1.1.1 Objetivo Geral.....	10
1.1.2 Objetivos Específicos.....	10
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	11
2.1 Jornalismo Ambiental.....	11
2.2 Contexto brasileiro e gaúcho do tema ambiental no jornal impresso.....	12
2.3 Jornalismo ambiental na mídia.....	15
2.4 Educação para Cidadania.....	21
2.5 Educomunicação.....	22
2.6. Importância da mídia para a educação ambiental.....	24
2.7 Percepção Ambiental.....	31
2.8 Crise ambiental e o despertar da conscientização.....	33
3 PERCURSO METODOLÓGICO.....	37
3.1 Abordagem da pesquisa.....	37
3.2 Participantes da pesquisa.....	38
3.3 Procedimentos de coleta de dados.....	39
3.4 Procedimentos de análise dos dados.....	39
3.5 Justificativa para escolha do jornal.....	39
4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	40
4.1 Temática ambiental inserida no jornal.....	40
4.2 Matérias do jornal escolhidas para análise.....	41
4.3 Dados obtidos com o questionário.....	43
4.4 Análise dos dados obtidos com o questionário.....	44
5 CONCLUSÕES.....	47
5.1 Sugestões.....	48
REFERÊNCIAS.....	50
ANEXOS.....	57
APÊNDICE.....	62

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo investigar as matérias ambientais tratadas em um jornal da cidade de Santa Maria/RS. Para isso, foi desenvolvida, uma pesquisa de campo quantitativa com leitores do respectivo jornal.

A relevância do estudo justifica-se pela questão educacional do jornalismo ambiental, ou seja, a utilização deste meio como auxílio na construção de um cidadão consciente, do mesmo modo, a ausência de pesquisas que consideram as formas como as pessoas recebem as informações sobre a temática.

Os meios de comunicação desempenham um papel primordial, uma vez que são as principais fontes de informação para a população, consolidando-se como um fator decisivo nos processos de formação de opinião da problemática ambiental.

A respeito do papel exercido pelo jornalismo ambiental, Bueno (2008) pondera que esse tipo de jornalismo possui varias funções junto à sociedade e ressalta três principais. Existe a “função informativa”, que supre a necessidade que o receptor tem em estar em dia com os principais assuntos referentes à questão ambiental. A “função pedagógica” aborda as causas e soluções para os problemas ambientais e a indicação de caminhos para a sua superação e a “função política” trata da mobilização dos cidadãos para fazer frente aos interesses que condicionam o agravamento da questão ambiental.

O jornal local como instrumento de informação, consciência e de ação social, pode modificar o pensar e o agir das pessoas, pois assim elas serão conhecedoras dos problemas que atingem o seu redor. Quando enfatizado e debatido os problemas locais, o jornal amplia a discussão e convoca a comunidade a fazer parte da solução dos problemas com domínio para reivindicar melhorias.

Por sua capacidade de reunir diversos campos de conhecimento e por sua importância no mundo globalizado, o tema meio ambiente tratado pela mídia requer uma sequência de estudos para ser melhor compreendido e funcionar como instrumento de busca de um jornalismo de qualidade.

1.1Objetivos

1.1.1 Objetivo Geral

Investigar através de uma pesquisa quantitativa se as matérias sobre o meio ambiente em um jornal de Santa Maria/RS possibilitam a conscientização dos leitores ou apenas informam.

1.1.2 Objetivos Específicos

- Estudar sobre jornalismo ambiental, suas características e transformações;
- Construir uma visão crítica acerca da Educação e Cidadania e Percepção Ambiental;
- Compreender o papel da mídia para a educação ambiental;
- Averiguar como é tratada a questão ambiental dentro do jornal;
- Analisar a repercussão das matérias de cunho ambiental para os leitores.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Jornalismo Ambiental

O jornalismo ambiental é uma *subárea* do jornalismo científico, pois trata do meio ambiente, uma área específica da ciência. Ele possui algumas características que o afastam de outras segmentações do mesmo ramo. De acordo com Bueno (2007), o jornalismo ambiental pode ser definido como o processo de captação, produção, edição e circulação de informações (conhecimentos, saberes e resultados de pesquisas entre outros) comprometidas com a temática ambiental e que se destinam a um público leigo, não especializado.

Para tratar adequadamente da questão ambiental, o jornalista deve, segundo Bueno (2007), possuir uma visão sistêmica, ou seja, ter a percepção que as pessoas, a natureza, o meio físico e biológico estão umbilicalmente conectados. O autor ressalta também que o jornalismo ambiental não pode apenas informar, mas também explicitar as causas e soluções para os problemas ambientais além de mobilizar os cidadãos para fazer frente aos interesses que condicionam o agravamento da questão ambiental.

Autores como Loose e Peruzzolo (2008) elucidam a complexidade da tarefa que cabe ao jornalismo ambiental, já que o jornalista precisa entender a amplitude das questões ambientais e relatá-las para os leitores de maneira simples sem comprometer a essência da informação, em espaços cada vez mais reduzidos, em velocidades cada dia maiores e cuidando para não ser irritantemente didático e até mesmo pedante.

Berna (2004) também faz algumas considerações a respeito do papel do jornalismo ambiental, destacando que:

[...] deve contribuir para o exercício da cidadania, estimulando a ação transformadora, além de buscar aprofundar os conhecimentos sobre as questões ambientais, as melhores tecnologias, estimular mudanças de comportamento e a construção de valores éticos, menos antropocêntricos (BERNA, 2004, p.18).

O que se percebe, atualmente, é um afastamento por parte dos meios de comunicação dos problemas em relação aos leitores. Posicionar o receptor como alguém que não pertence à realidade representada é visível nas matérias ambientais, pois há pouca investigação, pouco conhecimento, e principalmente, pouca contextualização.

Essa visão segmentada dos acontecimentos resultaria na dificuldade que os leitores têm para entender a amplitude e a importância de determinados conceitos. A falta de

contextualização é imposta muitas vezes pela rotina corriqueira do jornalista, que não têm tempo nem poder para aprofundar-se sobre a questão que escreve, resultando muitas vezes em relatos superficiais e desarticulados, restritos somente a um aspecto.

No artigo *Jornalismo Ambiental: explorando além do conceito*¹, de 2007, o autor Wilson Bueno argumenta que o jornalismo ambiental deve incorporar uma visão inter e multidisciplinar, extrapolando os limites dos cadernos e das editorias, porque a fragmentação imposta pelo sistema de produção jornalística fragiliza a cobertura de temas ambientais.

Para Trigueiro (2003), a questão ambiental aparece de maneira superficial e fragmentada na imprensa, e isso se deve a fatores como as percepções sobre o conceito de meio ambiente dos profissionais do jornalismo, a pressão pela agilidade na produção e a falta de formação acadêmica de muitos. O autor observa que para a maior parte das pessoas a expressão “meio ambiente” permanece restrita aos aspectos da fauna e da flora, e com os jornalistas isso não é diferente.

2.2 Contexto brasileiro e gaúcho do tema ambiental no jornal impresso

Ao longo do tempo, a mídia impressa vem contribuindo para discussões com temas de interesse da sociedade em geral. É um meio das pessoas adquirirem conhecimento e refletirem sobre variados assuntos, podendo até mesmo mudar hábitos e opiniões. A preocupação internacional com o meio ambiente fez com que os jornalistas brasileiros também começassem a refletir sobre o assunto.

O jornal Correio do Povo, em seu Suplemento Rural no período de 1957 a 1963, publicou 301 artigos assinados por Henrique Luís Roessler². Foi o primeiro periódico impresso a abrir espaço à cobertura ambiental no Estado.

A Folha da Tarde, junto com o Correio do Povo e a Folha da Manhã, foram os principais responsáveis pela divulgação da temática e das lutas pela preservação ambiental na década de 70. Era comum encontrar artigos assinados por ecologistas, principalmente por José Lutzemberger. A partir de 1974 o jornal Zero Hora dedica espaço à cobertura ambiental, também abriu cadernos especiais para cobrir tais assuntos.

¹ Disponível em <http://jornalismoambiental.org.br/1016/jornalismo-ambiental-explorando-alem-do-conceito.html>

² Fundador da primeira entidade de luta e defesa da natureza no Brasil (1955).

Ainda nos anos de 1970, aconteceu uma grande polêmica ambiental envolvendo uma indústria no Rio Grande do Sul. A poluição empreendida pela fábrica de celulose Borregaard impulsionou o movimento ecológico gaúcho. Em meio à censura militar, a fábrica foi fechada em dezembro de 1973 até março de 1974 e a discussão tornou-se pública, com o engajamento da imprensa na questão. Muitos dos jornalistas da época lançaram-se no tema, criando um espaço que foi aproveitado pelo movimento ambientalista para conscientização.

A partir da metade da década de 1980 as investigações sobre assuntos ambientais começaram a ser publicadas no Brasil. A descoberta do “buraco” na camada de ozônio e as primeiras hipóteses sobre o impacto das atividades humanas no aumento do aquecimento global, abriram um espaço na mídia para o tema. Na imprensa brasileira nesta época, as preocupações voltam-se principalmente para os problemas ambientais da Amazônia.

Em 1987, a Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento divulgava o relatório *Nosso Futuro Comum* que foi a base das discussões da Eco-92, Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente e o Desenvolvimento (CNUMAD), realizada no Rio de Janeiro, em junho de 1992 e que reuniu jornalistas do mundo todo.

O objetivo principal da Eco-92, foi buscar meios de conciliar o desenvolvimento socioeconômico com a conservação e proteção dos ecossistemas da Terra. Trigueiro (2003, p. 81), a respeito da Rio-92 afirma que “nunca, em nenhum outro período da história se falou tanto de meio ambiente”.

A Eco-92 consagrou o conceito de desenvolvimento sustentável e contribuiu para a mais ampla conscientização de que os danos ao meio ambiente eram majoritariamente de responsabilidade dos países desenvolvidos. Reconheceu-se, ao mesmo tempo, a necessidade de os países em desenvolvimento receberem apoio financeiro e tecnológico para avançarem na direção do desenvolvimento sustentável.

A degradação ambiental e a falta de especialização para cobrir jornalisticamente essas questões foram o impulso para que um grupo de profissionais do Rio Grande do Sul criasse o primeiro Núcleo de Ecojornalistas do país. O Núcleo de Ecojornalistas do Rio Grande do Sul (NEJ/RS) tem sede em Porto Alegre e foi fundado em 22 de junho de 1990. Hoje o NEJ/RS é uma organização não governamental (ONG) que se constitui em referência nacional sobre jornalismo ambiental, com participação ativa nos principais eventos relacionados ao tema. A iniciativa já vinha sendo pensada em 1989, quando ocorreu em Brasília um encontro da Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ), que sugeriu a criação, em vários estados brasileiros, de Núcleos de Jornalistas dedicados à temática ambiental.

A dimensão de estudos sobre o meio ambiente foi característica da década de 1990, impulsionados pela cobertura jornalística da Eco-92 que seria a renovação dos votos de Estocolmo em 1972, com a diferença que aponta Aguiar (2005):

A diferença é que a conferência de 1972 teve como principal preocupação introduzir a questão ambiental nas políticas de âmbito nacional de cada país, enquanto que a Rio-92 trouxe para o debate o avanço da degradação ambiental em nível internacional e a importância de soluções globais para os problemas ambientais, igualmente, globais. Ou seja, constatou-se que os danos ambientais não respeitam as fronteiras entre países e, nos vinte anos entre as duas reuniões da ONU, houve um agravamento dos problemas ambientais, tornados transfronteiriços (AGUIAR, 2005, p.9).

Outro importante momento de produção sobre jornalismo ambiental ocorreu com a assinatura de diversos países do Protocolo de Kyoto (1997), objetivando a redução de gás carbônico na atmosfera causada pelos processos industriais e pela dinâmica dos centros urbanos e a divulgação dos relatórios do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC)³.

Oliveira (1996 apud SILVA; BORTOLIERO, 2010) relata que alguns meses antes da Eco-92 os jornais da grande imprensa começaram a cobrir diariamente os preparativos do evento, alguns deles chegando até a criar cadernos especiais para a temática. Apesar da cobertura se concentrar no próprio evento,

foi também uma oportunidade única para os meios brasileiros trazerem a público a questão ambiental, e apontarem os principais problemas do país nesta área, intrinsecamente ligados à pobreza, e ao desordenamento político e econômico. Mas fica difícil afirmar que as denúncias destes problemas calaram fundo na alma dos brasileiros, e neles despertou uma nova consciência, mais ecológica, humanitária e universal (OLIVEIRA, 1996, p. 64 apud SILVA; BORTOLIERO, 2010, p. 4).

Jornalistas como Randau Marques e suas matérias sobre poluição industrial e Lúcio Flávio Pinto e as reportagens sobre a Amazônia deixaram importantes contribuições para a história do jornalismo ambiental desde os anos 1970 no Brasil.

Belmonte (2004) destaca que:

[...] a questão ecológica já era pauta para alguns veículos de comunicação. O primeiro a se destacar no cenário urbano foi Randau Marques, do Jornal da Tarde. Polêmico e talentoso, ele nunca escondeu a proximidade com o movimento ecológico [...] [Ele foi] um dos pioneiros do jornalismo ambiental (BELMONTE, 2004, p.21).

³ O Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas (IPCC) é o órgão das Nações Unidas responsável por produzir informações científicas em três relatórios que são divulgados periodicamente desde 1988. Os relatórios são baseados na revisão de pesquisas de 2500 cientistas de todo o mundo (WWF, 2013).

Em 1996 foi fundado o *Jornal do Meio Ambiente*, pelo escritor e jornalista Vilmar Sidnei Demamam Berna. O jornal tinha como objetivo a contribuição para a formação de uma nova consciência ambiental através da democratização da informação ambiental com foco em multiplicadores e formadores de opinião ambiental e segmentos da sociedade em geral interessados em meio ambiente. Em 5 de junho de 2006 foi substituído pela Revista do Meio Ambiente, que faz parte da Rede Brasileira de Informação Ambiental (REBIA), e continua sendo editada pelo mesmo profissional.

As notícias, hoje, são pautadas principalmente através de assuntos polêmicos como mudanças climáticas, desastres ecológicos, e extinção de espécies, o que trouxe um novo impulso ao jornalismo ambiental. Porém, são poucos os jornais especializados na área, como a *Folha do Meio Ambiente*, do Distrito Federal (DF) e o *Jornaleco*, jornal produzido pelos estudantes de Jornalismo do Centro Universitário Franciscano (Unifra) na disciplina de Jornalismo Especializado I. Alguns possuem um caderno especial, como, *O Informativo do Vale* com o caderno 'Meio Ambiente na Escola', que circula mensalmente, e o *Jornal do Comércio* com o caderno 'Meio Ambiente', que circula anualmente. O jornal *Zero Hora* veiculou nos anos 2011 e 2012 o caderno 'Nosso Mundo Sustentável', que circulava nas segundas-feiras.

2.3 Jornalismo ambiental na mídia

A mídia tem relevante importância no processo de formação de valores em uma sociedade sobre o meio ambiente. Ramos (1996) observa que é através da televisão e dos jornais, que a maior parte das pessoas recebe informações ambientais, e por isso seu papel é decisivo para formar opiniões sobre a problemática ambiental.

Nos dias atuais, é o mundo virtual o grande mobilizador dos agentes sociais, mostrando que a potência das ações comunicativas podem se articular em rede. O jornalismo ambiental vem aparecendo com força em várias publicações e em uma série de serviços que surgem no ciberespaço. Essa movimentação periférica resultou na criação da Associação Brasileira das Mídias Ambientais (Ecomídias).

Silva (2003, p. 10) fala da importância da comunicação para o meio ambiente e dá sugestões de como ela deve ser feita. De acordo com ela, há uma necessidade de comunicar as

idéias em linguagem simples e direta, para envolver mais gente: “precisamos também de um recolhimento para elaborar melhor a relação entre as idéias e a prática”

As atividades de jornalistas ligados à questão espalham-se por vários meios. A Rede Brasileira de Jornalismo Ambiental (RBJA), coordenada pelo jornalista Roberto Villar, tem cerca de 300 jornalistas cadastrados. Ela promove a integração de comunicadores de todo o Brasil, possibilitando a troca de pautas, fontes e informações virtuais, e também a convivência dos que estão chegando agora ao mercado com os veteranos da área. A Rebia, proposta por Vilmar Berna, é uma importante ferramenta para a construção de “espaços” de diálogo e trocas presenciais e virtuais. É uma maneira de criar formas de sistematização e disponibilização dos conteúdos e informações produzidas (REBIA).

Sites de grande abrangência como *Ambiente Brasil* e *O Eco* convergem informações como portal de notícias e reportagens, artigos e blogs. O Núcleo de Ecojornalistas do RS mantém um site⁴ de notícias na internet e também está ligado à produção do programa *Sintonia da Terra*, apresentado todas as sextas-feiras pela manhã, na rádio da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

A Agência Envolverde também possui uma significativa participação em divulgar informações ambientais e promover eventos. É coordenada pelo jornalista Adalberto Marcondes, que atua desde 1995, em parceria com a Agência Inter Press Service (IPS) e com os Programas das Nações Unidas para o Meio Ambiente (Pnuma) e para o Desenvolvimento (Pnud). Desde então vem se aprofundando na cobertura de temas relacionados ao meio ambiente, desenvolvimento humano, educação e cidadania planetária. Em 1998 o site da Envolverde entrou no ar, e em janeiro de 2005 foi criada a Envolverde - Revista Digital, que reúne todo o conteúdo jornalístico produzido pela equipe.

As informações fornecidas por ONGs e redes de comunicação, para Lopes (2003), são capazes de provocar alterações na organização do pensamento, na visão de mundo e na escala de valores dos receptores visando a uma ação imediata ou a uma mudança de comportamento de longa duração.

Diversas organizações não governamentais têm concentrado parte das suas atividades na coleta e sistematização de informações ambientais. O crescimento das ONGs e o ganho em visibilidade possibilitam a articulação, formação de redes e outras dinâmicas organizacionais para trocar informações e ampliar as questões relacionadas ao meio ambiente.

⁴ Ecoagência. Disponível em: <www.ecoagencia.com.br>.

Percebe-se que muitas ONGs deixaram de lado o objetivo genérico de estimular a conscientização ou de se concentrarem nas denúncias contra a agressão ambiental, para atuarem em objetivos específicos para preservação e recuperação ambiental. Assim, as novas organizações se estruturam em torno de objetivos claros como melhoramento da qualidade da água e do ar, educação ambiental etc. Além disso, tratam de ampliar sua sustentabilidade financeira através de mecanismos diversos de financiamento: organismos internacionais, órgãos públicos, doações de empresas e mensalidades dos associados (VIOLA; LEIS, 1992).

No âmbito brasileiro algumas ONGs e organizações globais independentes ganham destaque, como o WWF-Brasil⁵ e o Greenpeace⁶. O WWF-Brasil é uma organização não governamental brasileira dedicada à conservação da natureza com os objetivos de harmonizar a atividade humana com a conservação da biodiversidade e promover o uso racional dos recursos naturais em benefício dos cidadãos de hoje e das futuras gerações. Criada em 1996 e com sede em Brasília, a ONG desenvolve projetos em todo o país e integra a Rede WWF, a maior rede independente de conservação da natureza, com atuação em mais de 100 países e o apoio de cerca de 5 milhões de pessoas, incluindo associados e voluntários.

O Greenpeace é uma organização global independente que atua para defender o ambiente e promover a paz, inspirando as pessoas a mudarem atitudes e comportamentos. Investiga, expõe e confronta crimes ambientais, desafiando os tomadores de decisão a rever suas posições e adotar novos conceitos, defende soluções economicamente viáveis e socialmente justas. No Brasil, são mais de 70 pessoas trabalhando nos escritórios de São Paulo, Manaus e Brasília, 250 voluntários, 47 mil colaboradores e 300 mil ciberativistas (GREENPEACE, 2013).

É importante citar também a Fundação SOS Mata Atlântica que é uma organização não governamental criada em 1986. Trata-se de uma entidade privada sem fins lucrativos, com a missão promover a conservação da diversidade biológica e cultural do Bioma Mata Atlântica e ecossistemas sob sua influência. Estimulam-se ações para o desenvolvimento sustentável, promovem a educação e o conhecimento sobre a Mata Atlântica, mobilizando, capacitando e estimulando o exercício da cidadania socioambiental. A entidade desenvolve projetos de conservação ambiental, produção de dados, mapeamento e monitoramento da cobertura florestal do Bioma, campanhas, estratégias de ação na área de políticas públicas,

⁵ Mais informações em: < http://www.wwf.org.br/wwf_brasil/>.

⁶ Mais informações em: < <http://www.greenpeace.org/brasil/pt/>>.

programas de educação ambiental e restauração florestal, voluntariado, desenvolvimento sustentável e proteção e manejo de ecossistemas.⁷

Existem ainda muitas outras organizações não governamentais que atuam em prol do meio ambiente: para promover a conservação da biodiversidade, para pesquisas sobre meio ambiente, implementação de programas de educação ambiental, luta pela defesa de animais, entre outros.

Na televisão (TV) pode-se citar o programa Repórter Eco, transmitido pela TV Cultura, aos domingos, às 17h30min, com reapresentação aos sábados, às 8h30min. O Repórter Eco aborda de forma aprofundada pesquisas para o desenvolvimento sustentável e conservação dos biomas brasileiros, proteção da rica diversidade biológica e cultural do país, projetos para manter para o futuro os recursos hídricos, estudos de controle da poluição do ar, solo, terra e água, ecologia urbana, fontes de energia alternativas e renováveis entre outros⁸.

No canal Futura, o programa Globo Ecologia, é voltado para questões de educação ambiental e consciência ecológica, mostrando a importância do meio ambiente e contribuindo para a preservação do patrimônio natural. É transmitido aos domingos, à 1h e às 17h, terça-feira, à meia-noite, quarta-feira, às 16h, quinta-feira, às 4h45 e aos sábados, às 15h30. O *Globo Ecologia* é transmitido nas manhãs de sábado pela TV Globo⁹.

Também o programa Cidades e Soluções, transmitido pelo canal Globo News aos sábados, às 05h30min, domingo, às 21h30min, segunda-feira, às 03h05min, 08h30min e 16h30min, e na quinta-feira, às 12h30min, também passa no canal Futura na sexta-feira, às 20h e nos domingos, às 14h30min. Este programa trata de experiências que dão certo, que transformam para melhor a vida das pessoas através do uso inteligente e sustentável dos recursos. Em boa parte dos casos, são experiências simples, de baixo custo e fáceis de serem replicadas.

A sociedade brasileira interessada nas questões ambientais dispõe de poucos veículos especializados em meio ambiente como foi citado no item anterior. Pode-se mencionar o jornal *Folha do Meio Ambiente* e o *Jornaleco*, que é dedicado ao meio ambiente. Alguns jornais possuem um caderno especial.

Entre as revistas que abordam o tema meio ambiente estão: *JB Ecológico*, *Eco 21*, *Ecologia & Desenvolvimento*, *Saneamento Ambiental*, *Meio Ambiente Industrial*, *Gerenciamento Ambiental*, entre outras.

⁷ Mais informações em <<http://www.sosma.org.br/>>

⁸ Mais informações em: <<http://www2.tvcultura.com.br/reportereco/reportereco.asp>> .

⁹ Mais informações em: <<http://memoriaglobo.globo.com/Memoriaglobo/0,27723,GYN0-5273-267932,00.html>>.

De acordo como jornalista Vilmar Berna (2008), cada veículo novo que surge na área ambiental cumpre uma importante função social e não significa apenas aumento de postos de trabalho para profissionais especializados. É também um fator a mais de favorecimento do diálogo entre os diferentes setores da sociedade que precisam estabelecer parcerias por um desenvolvimento sustentável.

A informação ambiental na visão de Berna (2008), sendo de qualidade e em quantidade, é imprescindível para a formação e mobilização ambiental. Mas se for feito de forma deficiente, mentirosa ou incompleta pode levar ao movimento contrário: a desmobilização.

Para Berna (2008):

A democratização da informação ambiental é fundamental para o exercício pleno da cidadania crítica e participativa, pois quando as pessoas, o povo, ou as organizações não dispõem de informação de qualidade, fica comprometida a capacidade de fazer escolhas entre as diferentes alternativas e caminhos (BERNA, 2008, p.90).

No entender de Abreu (2006), alguns estudos têm apontado uma série de fragilidades nas formas como o meio ambiente aparece na mídia – seja em função da espetacularização, da superficialidade com que os assuntos são tratados ou da falta de espaço para abordagens mais complexas em torno das questões apresentadas.

A mídia, ao noticiar assuntos sobre o meio ambiente, tem privilegiado os aspectos catastróficos. Para Scharf (2004), tal deficiência se explica, em parte, por um erro histórico: achar que o meio ambiente só interessa a jovens românticos e idealistas. Grande parte da imprensa trata a questão ambiental pelo que tem de belo ou de destrutivo, deixando de ver o outro lado: o impacto concreto do meio ambiente em áreas como a política, econômica e social. “O valor da natureza é puramente estético idealizado. Nada mais” (SCHARF, 2004, p. 51).

Silva (2005) fez uma análise da cobertura de três grandes jornais brasileiros¹⁰ e ficou claro que as notícias publicadas apresentam a natureza como tendo relação direta com a sociedade, o aspecto negativo dessa relação é o que recebe mais ênfase. Um dado objetivo apontado pela autora vai além: no período analisado, 59% dos textos apresentavam cunho negativo, referindo-se a catástrofes como enchentes e terremotos, descrevendo casos de

¹⁰ Em sua dissertação de mestrado, a autora analisou a cobertura dada a temas relacionados com a problemática ambiental nos jornais ‘Folha de São Paulo’, ‘O Estado de São Paulo’ e ‘Jornal do Brasil’, então os três jornais diários com maior tiragem no Brasil, no período de 5 de abril a 5 de maio de 2004, buscando também verificar as concepções de meio ambiente entre os jornalistas produtores desses textos e as condições nas quais as matérias eram produzidas e publicadas.

destruição irrevogável do meio ambiente e mostrando a existência de conflitos políticos nessa área. Apenas 36% do material analisado buscou mostrar aspectos positivos ou bons exemplos da relação homem/natureza. Outro dado importante da análise é que apenas 37% dos textos tinham informações mais aprofundadas sobre os assuntos abordados, sendo que 63% restringiram-se aos aspectos factuais.

Os jornalistas entrevistados por Silva (2005) em sua pesquisa revelaram que ONGs ambientalistas são consideradas as melhores fontes de consulta para a produção de material jornalístico sobre meio ambiente, seguidas pelas universidades (fontes de pesquisa científica) e dos órgãos públicos (fontes de dados oficiais, geralmente embasados em pesquisas científicas).

Trigueiro (2003) coloca como exemplo do caráter instantâneo da mídia, o efeito estufa, que embora considerado por muitos especialistas a maior tragédia ambiental em curso no planeta, não tem ampla visibilidade na mídia. Segundo o autor, um das explicações desse fato é o *timing* do efeito estufa, ou seja, um problema que “não se resolve num intervalo de horas, dias ou meses” (TRIGUEIRO, 2003, p. 79). Isso seria o suficiente para que este fosse um tema considerado “frio” em muitas redações. Em uma sociedade cada vez mais imediatista, o que está longe de acontecer parece não ter importância, conforme esclarece Trigueiro (2003):

Algumas questões, como a escassez crescente de água, a progressão geométrica do volume de lixo e o ritmo acelerado da desertificação do solo, tornam-se menos interessantes se comparados a outros assuntos que têm o apelo do factual, que se resolvem numa escala de tempo bem definida e respondem aos interesses imediatistas de quem consome notícia (TRIGUEIRO, 2003, p.80).

Como observa Geraque (2006), a imprensa brasileira ainda não despertou para o jornalismo ambiental. No ponto de vista do autor, para a mídia ter capacidade de cumprir suas funções dentro desse contexto, deve enxergar o problema com toda sua complexidade, para que assim possa exigir dos responsáveis algum tipo de solução. Não basta apenas dar uma ou duas ligações telefônicas, faz parte também mergulhar no assunto.

“A democratização da informação ambiental de qualidade é fundamental para o exercício da cidadania crítica e participativa”, (BERNA, 2008, p. 90) pois quando as pessoas conseguem perceber a causa dos problemas ambientais que sofrem hoje, acredita-se já ser possível dar um passo à frente. Não basta as pessoas conhecerem os problemas ambientais mostrados pela mídia sem se tornar mais ativo, crítico e participativo.

2.4 Educação para Cidadania

A educação é assegurada pela Constituição Federal Brasileira (BRASIL, 1988) como um direito fundamental social. É a prática cujo fim resulta no aprimoramento do homem, não apenas no sentido de um direito à escolarização, mas como ser humano.

No entender de Sachs (2004):

A educação é essencial para o desenvolvimento, pelo seu valor intrínseco, na medida em que contribui para o despertar cultural, a conscientização, a compreensão dos direitos humanos, aumentando a adaptabilidade e o sentido de autonomia, bem como a autoconfiança e a auto-estima. É claro que tem também um valor instrumental com respeito à empregabilidade (SACHS, 2004, p.56).

Acima de tudo, tem o papel de formar cidadãos capazes de viver em sociedade e de decidirem em que sociedade querem viver. A educação para a cidadania, como os direitos que a asseguram, é uma condição indispensável para o crescimento de uma sociedade mais democrática.

A educação para a cidadania constitui na orientação de indivíduos que reconhecem os seus direitos e seus deveres. Consiste em habilitá-los para a integração política. Representa a instrução de indivíduos que estejam aptos às transformações ocorrentes na sociedade produtiva, possibilitando que os mesmos cooperem efetivamente para o desenvolvimento econômico da nação, fundamento do crescimento sustentável. Na perspectiva de Gentili (2000), a cidadania não se resume à participação política responsável, nem à produtividade competitiva, mas comporta as duas necessidades.

A educação para a cidadania, na compreensão de Jacob (2003), representa a possibilidade de motivar e sensibilizar as pessoas para transformar as diversas formas de participação em potenciais caminhos de dinamização da sociedade e de concretização de uma proposta de sociabilidade baseada na educação para a participação.

Para a transformação de valores, deve haver atitudes, movimentos sociais, exercício da cidadania. Para se entender melhor sobre os fatos ocorridos no Brasil, faz-se um breve histórico.

Como herdeiros de uma colônia escravocrata onde tudo era negado às pessoas, não era encontrado no Brasil um povo acostumado a exercer os seus direitos de cidadãos. Algumas vezes nem mesmo conhecem ou sabem da existência desses direitos.

Kury (2009) ressalta que essa pobreza histórica encontra-se na carência de dimensão política, tida como principal pressuposto para o sujeito atuar como cidadão crítico e intervir na realidade à qual está inserido.

Há um verdadeiro desconhecer da vontade dessa população mais carente, e de buscar soluções para os seus problemas, deixando-se levar por determinações que visam mais aos interesses individuais dos tomadores de decisões que às necessidades coletivas. (KURY, 2009, p. 112).

Dessa forma, o sentimento de exclusão, de não fazer parte do meio, se torna uma realidade que é difícil de ser alterada. A base da cidadania está na consciência de um cidadão pertencer a uma coletividade, onde possam se buscar melhorias lutando para poder exercer os seus direitos.

Para tentar quebrar esse círculo vicioso, busca-se o apoio da educação, no sentido de educar para a cidadania e reverter a lógica que educa para a indiferença e o individualismo.

Os pedagogos da Escola Nova compreendiam que a educação tinha o poder de mudar a sociedade, de democratizá-la e de favorecer a mobilidade social dos educandos. É inviável estabelecer propostas educacionais democráticas sem o exercício da participação social porque é nela que está o chão das propostas educativas, que as enraizam, alimentam e dão vida.

Nesse cenário, por exemplo, surge a educação ambiental como estratégia e oportunidade de investir no desafio de construir uma cidadania consciente dos problemas enfrentados nos dias de hoje.

No entender de Penteadó (1994) é importante desenvolver a relação entre o meio ambiente e a cidadania, para firmar a consciência de que o ambiente é um patrimônio público e sua defesa um direito político de todos os cidadãos. Sendo assim, todos têm o direito e o dever de reivindicar e de participar da luta por um ambiente limpo e por uma vida digna e com qualidade.

2.5 Educomunicação

O termo Educomunicação menciona a prática da leitura crítica dos meios e, ainda nos dias de hoje, é com esse sentido que o conceito é compreendido na literatura vigente. Esse

conceito firma-se como um novo campo de intervenção, em que se busca novos significados aos movimentos comunicativos na esfera da educação.

Castilho Costa (2007) vê a Comunicação voltada para a Educação em busca de um espaço de relações sociais no qual possa trabalhar com os aspectos cognitivos, críticos e comportamentais do público e onde prevaleça uma postura formativa e libertadora.

Acredita-se que o primeiro a utilizar o termo Educomunicador foi o jornalista argentino Mário Kaplun, ao fazer referência sobre o profissional capaz de mediar procedimentos de jornalismo alternativo e projetos de rádio comunitária. Assim, o nome inspirou o conceito Educomunicação, utilizado por Jesus Martin Barbero¹¹ e pela ONU (Organização das Nações Unidas). Atualmente o conceito tem sido atualizado e reformulado, com contribuição do NCE (Núcleo de Comunicação e Educação) da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP).

Para Soares (2002), o campo da Educomunicação, é resultante da inter-relação entre a Comunicação e a Educação. O uso da comunicação como um meio eficaz para ampliar ações voltadas à cidadania e para ampliar as formas de expressão dos membros de uma comunidade.

São grandes os estudos e ações sobre a Educomunicação com a tentativa de constituir um diálogo transformando o receptor em editores da comunicação. Um exemplo dessa abrangência abre espaço para um complemento na dimensão ambiental.

O uso da Educomunicação junto ao instrumento da educação ambiental permite uma dinâmica na transmissão do diálogo para o conhecimento ambiental da sociedade. É uma ponte que leva o aprendizado sobre o meio ambiente até a pessoa, possibilitando reflexão e ações práticas, de forma a fortalecer o entendimento.

Através do entendimento de Lima e Melo (2008), pode-se compreender a Educomunicação ambiental como uma possibilidade na construção do sujeito e sua relação com o meio ambiente. Há a necessidade que ela seja construída, por meio de instruções, para perceber as relações entre as inúmeras formas de vida do Planeta. Realizar o diálogo entre os saberes, como científica, popular, das organizações da sociedade, empresarial ecologicamente responsável, educativos e a comunicação midiática.

¹¹ É um teórico colombiano, pesquisador da Comunicação e Cultura e um dos expoentes nos Estudos Culturais contemporâneos.

2.6 Importância da mídia para a educação ambiental

A educação ambiental como formação e exercício da cidadania refere-se a uma nova forma de encarar a relação do homem com a natureza. É baseada numa nova ética, que pressupõe outros valores morais e uma forma diferente de ver o mundo e os homens. Essa educação é vista como um processo de aprendizagem que valoriza as diversas formas de conhecimento e forma cidadãos com consciência local e planetária.

O termo educação ambiental se tornou internacionalmente conhecido em 1977, na Conferência Intergovernamental de Tbilisi, organizada pela ONU para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), em colaboração com a PNUMA. Cerca de 300 especialistas, representando 68 países do mundo e vários organismos internacionais, se reuniram para discutir as propostas elaboradas em vários encontros sub-regionais, definindo finalidades, princípios e objetivos.

Segundo Díaz (2002), para o desenvolvimento da educação ambiental, recomendou-se que fossem considerados todos os fatores que compõem a questão ambiental, tais como aspectos políticos, sociais, econômicos, culturais, tecnológicos, entre outros.

No documento final da Conferência de Tbilisi (IBAMA, 1998), foram propostos objetivos para a educação ambiental:

- adquirir consciência e sensibilização pelas questões do meio ambiente global;
- vivenciar diversidades de experiências e compreender o meio e seus problemas;
- adquirir valores sociais, profundo interesse pelo ambiente e vontade de participar ativamente em sua melhoria e proteção;
- desenvolver aptidões necessárias para resolver os problemas ambientais;
- proporcionar aos grupos sociais e aos indivíduos a possibilidade de participar ativamente nas tarefas de solução dos problemas ambientais.

Definiram-se também algumas características da educação ambiental (IBAMA, 1998):

- deve permitir que o ser humano compreenda a natureza complexa do meio ambiente, resultante das interações de seus aspectos biológicos, físicos, sociais e culturais
- deve facilitar os meios de interpretação da interdependência desses diversos elementos no espaço e no tempo, a fim de promover a utilização mais reflexiva e prudente dos recursos naturais para satisfazer às necessidades da humanidade.

A partir dessa Conferência, iniciou-se um amplo processo em nível global orientado para criar as condições que formem uma nova consciência sobre o valor da natureza e para reorientar a produção de conhecimento baseada nos métodos da interdisciplinaridade.

No Brasil, começou a ser falado em educação ambiental diretamente em 1988 com o advento da Constituição da República Federativa do Brasil. Em seu artigo 225, parágrafo 1º, inciso VI, estabelece a competência do poder público em “promover a educação ambiental em todos os níveis de ensino e a conscientização pública para a preservação do meio ambiente” (BRASIL, 1988).

Em 1991, o Ministério da Educação (MEC) determinou que todos os currículos nos diversos níveis de ensino deverão contemplar conteúdos de educação ambiental, conforme estabelece a Portaria 678, de 14/05/91 (MEC, 1991). Nesse ano também, o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama) e MEC fizeram um Projeto de Informações sobre Educação Ambiental.

Descrita por Dias (1993, p. 27), “a educação ambiental deve capacitar ao pleno exercício da cidadania, através da formação de uma base conceitual abrangente, técnica e culturalmente capaz de permitir a superação dos obstáculos à utilização sustentada do meio”.

Na Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento do Rio de Janeiro, a Rio-92, o Grupo de Trabalho das Organizações não-Governamentais elaborou o Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global, que confirma entre outros princípios:

- a educação ambiental não é neutra, mas ideológica; é um ato político;
- a educação ambiental deve envolver uma perspectiva holística enfocando a relação entre o ser humano, a natureza e o universo de forma interdisciplinar;
- a educação ambiental deve tratar das questões globais críticas, suas causas e inter-relações em uma perspectiva sistêmica, em seu contexto social e histórico, em seus aspectos primordiais relacionados com o desenvolvimento e o meio ambiente;
- a educação ambiental deve promover a cooperação e o diálogo entre indivíduos e instituições, com a finalidade de criar novos modos de vida e atender às necessidades básicas de todos, sem distinções étnicas, físicas, de gênero, idade, religião ou classe social.

Carvalho (2004) diz que a relação entre meio ambiente e educação assume um papel cada vez mais desafiador, demandando a emergência de novos saberes para apreender processos sociais cada vez mais complexos e riscos ambientais que se intensificam. Nas suas múltiplas possibilidades, abre um estimulante espaço para um repensar de práticas sociais e o papel dos educadores na formação de um “sujeito ecológico”.

O entendimento sobre os problemas ambientais se dá por meio da visão do meio ambiente como um campo de conhecimento e significados socialmente construídos, que é perpassado pela diversidade cultural, ideológica e pelos conflitos de interesse.

Sorrentino (1997) classifica as principais correntes de educação ambiental em: conservacionista, educação ao ar livre, gestão ambiental e economia ecológica.

A corrente conservacionista se organiza em torno da preocupação de preservar os recursos naturais intocados, protegendo a flora e a fauna do contato humano e da degradação.

A corrente educação ao ar livre reúne naturalistas, espeleólogos, escoteiros e praticantes de modalidades de esporte e lazer na natureza. Inspiram-se em propostas científicas e/ou filosóficas de conhecimento da natureza e de sensibilização ao autoconhecimento.

A terceira categoria, da gestão ambiental, decorre de movimentos de resistência aos regimes autoritários. Desenvolve uma crítica do sistema capitalista e de sua lógica predatória em defesa dos recursos naturais e da participação democrática da sociedade civil na resolução dos problemas socioambientais que vivencia.

A corrente da economia ecológica inspira-se no conceito de ecodesenvolvimento, e nos conceitos formulados por Sachs e Schumacher nos anos 70.

A partir da década de 80 à medida que essas idéias são apropriadas e reelaboradas por organismos e bancos internacionais, como a ONU, o PNUMA, com o formato do desenvolvimento sustentável. Também algumas organizações ONGs, movimentos e associações ambientalistas.

Reigota (2000) acrescenta que são inúmeras e variadas as práticas de educação ambiental realizadas por universidades, creches, escolas, movimentos sociais, meios de comunicação, sindicatos, secretarias de Estado, organizações não governamentais entre outros. Cada uma dessas práticas se pauta por uma interpretação diferente do que significa Educação Ambiental, e, portanto, por aspectos conceituais e metodológicos distintos.

O desenvolvimento e as pesquisas das áreas de ciência e tecnologia oferecem instrumentos que podem contribuir para amenizar ou até resolver diversos problemas ambientais e a educação ambiental pode criar os alicerces para que toda a sociedade se empenhe e determine sua utilização. Caldas (1999), explica que o exercício pleno da cidadania está diretamente relacionado com a democratização do saber, da transformação do discurso competente num discurso acessível à maioria da população brasileira.

De acordo com Caldas (1999):

Cabe, portanto, a jornalistas e cientistas trabalharem juntos, em regime de parceria por uma comunicação pública da ciência, que possibilite ampliar o número de atores sociais no processo decisório e reduza substancialmente a massa de coadjuvantes que a história tem reservado à grande maioria da sociedade brasileira (CALDAS, 1999, p.190).

A informação assume um papel cada vez mais relevante quando se trata de educação ambiental. Através dos meios de comunicação existentes hoje, a educação para a cidadania representa a possibilidade de motivar e sensibilizar as pessoas para transformar as diversas formas de participação na defesa da qualidade de vida.

John (2001, p.87) destaca que os jornalistas, mesmo sem ter formação como educadores, acabam participando da “formação de cidadãos ‘ambientalmente educados’ (...), contribuindo com a diminuição das agressões ambientais e proporcionando o aumento da qualidade de vida”.

Contudo, é por meio dos jornais e da televisão que as questões ambientais têm chegado ao conhecimento, pela primeira vez, em segmentos da sociedade que nunca tinham tido acesso ao tema. Isso porque até então, essas informações circulavam basicamente em espaços restritos, na comunidade científica, em seminários e palestras, em publicações especializadas como revistas e livros.

A importância da mídia para a educação ambiental é reconhecida, por exemplo, pela Lei Federal 9.795/1999 (BRASIL, 1999), que institui no Brasil a Política Nacional de Educação Ambiental (PNEA). No artigo 3º dessa Lei, se encontra que todos têm direito à Educação Ambiental, cabendo aos meios de comunicação “colaborar de maneira ativa e permanente na disseminação de informações e práticas educativas sobre meio ambiente e incorporar a dimensão ambiental em sua programação”.

Com o grande avanço das tecnologias de comunicação, aumentando a eficiência e a rapidez do processo comunicativo e a grande quantidade de informação disponibilizada, a influência dos veículos de comunicação cresce nas decisões, nos hábitos e escolhas das pessoas. As tecnologias de comunicação e informação trazem consequências no modo como as pessoas se relacionam entre si e com o meio em que vivem. Ramos (1996, p. 34) acredita que “a evolução nos processos de comunicação, proporcionada pelo desenvolvimento tecnológico, é um dos fatores responsáveis por uma nova etapa no relacionamento do homem com o meio ambiente”.

Descrito por Dias (1993), o direito à informação e o acesso às tecnologias capazes de viabilizar o desenvolvimento sustentável constituem um dos pilares desse processo de formação de uma nova consciência em nível planetário, sem perder a ótica local, regional e nacional.

A pesquisa Target Group Index¹², do Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (IBOPE), que chegou ao mercado no início de junho de 2012, constatou que os brasileiros com maior acesso aos meios de comunicação são os que apresentam maior afinidade com atitudes positivas para a preservação do meio ambiente. Foi questionado aos participantes quanto à redução do próprio consumo em benefício do meio ambiente e quanto à reutilização ou à reciclagem de materiais.

Segundo a pesquisa, apenas 4% dos brasileiros podem ser identificados como praticantes do conceito “3 Rs” (reduzir, reutilizar e reciclar). Mesmo sendo um grupo ainda pequeno, entre eles o consumo frequente de jornais, revistas ou internet chega a 86%. Mulheres, pessoas das classes A e B e com mais escolaridade apresentam maior preocupação com o meio ambiente.

Informações novas sobre as atitudes sustentáveis incluídas na base do Target Group Index comprovam que nem todos que concordam com as atitudes favoráveis ao meio ambiente fazem uso de práticas sustentáveis. Dos brasileiros pesquisados, 86% concordam que reciclar é um dever de todos, mas apenas 26% declaram reciclar sempre ou frequentemente. Os brasileiros que se dizem dispostos a mudar o estilo de vida para beneficiar o meio ambiente são 61%, porém destes apenas 19% reduzem, 21% reutilizam e 29% reciclam.

Nesse contexto, os educadores também devem estar cada vez mais preparados para passar as informações ambientais que recebem. Para assim, poder transmitir e decodificar aos alunos a expressão dos significados em torno do meio ambiente e da ecologia nas suas múltiplas determinações e intersecções. Dias (1993, p. 34) complementa que “o desafio da educação, nesse particular, é o de criar as bases para a compreensão holística da realidade” .

Para Reigota (1998), a tendência da Educação Ambiental escolar é de se tornar não só uma prática educativa, ou uma disciplina a mais no currículo, mas sim consolidar-se como uma filosofia de educação, presente em todas as disciplinas já existentes, e possibilitar uma

¹² O Target Group Index é um estudo single source sobre o consumo de produtos, serviços e mídia, estilo de vida e características sociodemográficas. Durante a pesquisa, o mesmo entrevistado responde todas as questões do questionário, o que permite uma análise completa da base de dados em qualquer uma das 220 categorias de produtos, 3.100 marcas e 700 veículos de comunicação presentes no estudo.

concepção mais ampla do papel da escola no contexto ecológico local e planetário contemporâneo.

Leff (2002) enfatiza que este processo educativo deve ser capaz de formar um pensamento crítico, criativo e sintonizado com a necessidade de propor respostas para o futuro. É capaz de analisar as complexas relações entre os processos naturais e sociais e de atuar no ambiente em uma perspectiva global, respeitando as diversidades socioculturais.

Não obstante o reconhecimento da importância dos meios de comunicação para o caráter educativo sobre a questão ambiental, algumas pesquisas têm identificado a fragilidade com que essas mensagens apresentam a problemática ambiental (ANDRADE, 2003; FLORENTINO, 2007; LUCKMAN, 2007; RAMOS, 2002; SILVA, 2007). São aspectos que priorizam a espetacularização e o catastrofismo e com superficialidade das informações.

Os temas ambientais pautados pela mídia afetam direta e indiretamente a humanidade. O intuito desse conteúdo é traduzir e levar para a população as informações do discurso científico numa linguagem compreensível do público leigo. Função que os jornalistas ambientais devem desempenhar com competência técnica e pedagógica.

As reportagens de ecologia e ciências do meio ambiente deveriam desempenhar as funções básicas informativa, social, cultural, econômica e político-pedagógica.

Conforme explica Lage (2003):

ao informar, complementa e atualiza conhecimentos, e neste sentido, educa; ao transmitir conhecimento, atua sobre a sociedade e cultura, determinando escolhas econômicas e, no fim, opções político-pedagógicas” (LAGE, 2003, p. 23).

Ao mesmo modo que é necessário dar mais espaço ao tema ambiental, os meios de comunicação precisam estar preparados para transmitir corretamente e da melhor forma as questões ambientais e levá-las à sociedade, mostrando o porquê de certos fenômenos estarem acontecendo com o planeta. Ou seja, tornar o jornalista o mediador entre informação e sociedade.

A pesquisa de Luckman (2007), por exemplo, apresenta os resultados de um trabalho que buscou identificar processos de recepção de estudantes de dois artigos de revista sobre o aquecimento global. A autora observou que ceticismo, impotência e vontade de contribuir são sentimentos comuns apresentados pelos estudantes após análise de textos que geralmente fazem previsões catastróficas do futuro do planeta. Ela alerta que o ceticismo e a impotência ainda aparecem como empecilho para a participação e a ação, muito mais do que uma consciência crítica baseada nos fatos.

A democratização do saber necessita ter um ensino que trabalhe a possibilidade de construir conhecimentos novos, indissociáveis das realidades sociais. Para isso, é fundamental uma mudança da visão fragmentada da problemática ambiental por parte dos profissionais da comunicação, para uma visão na qual ocorra a interligação entre os fenômenos sociais, físicos, econômicos, políticos e culturais.

A problemática ambiental requer uma mudança de valores, percepção e conceitos. Algo que contraponha a visão de mundo que fragmenta a realidade, separando o homem da natureza. A educação através do ensino da temática ambiental deve propiciar reflexão, sobretudo no que se refere à melhoria da qualidade de vida, quando busca trabalhar conteúdos compatíveis à realidade da sociedade. Gonçalves (1990, p. 192-194) “A questão ambiental não é o que se convencionou chamar natural, nem social ou cultural. Ela exige um outro paradigma que seja capaz de dar conta da sua complexidade histórico- natural”.

Lima (1999) questiona a articulação entre educação e o meio ambiente e a importância da educação enquanto instrumento privilegiado de humanização, socialização e direcionamento social. Também considera ser impossível pensar e exercitar a mudança social sem integrar a dimensão educacional.

Conforme Carvalho (1995) os novos valores não são estabelecidos, exclusivamente, por meio de programas educativos, e sim nas práticas e no cotidiano da vida social. Deste modo, prioriza uma educação ambiental articulada com os movimentos sociais, comprometida com a democracia, a participação social e a cidadania.

Para a autora:

a educação ambiental pode ser uma prática de ação política que interpele a sociedade, problematizando a degradação das condições ambientais e das condições de vida como processos intrinsecamente articulados (CARVALHO, 1995, p. 61).

Grün (1995) afirma que há uma associação direta entre o alerta para os problemas ambientais e o discurso que aponta a necessidade de uma educação que ajude a superar esses desafios. Essa perspectiva nos conduz a um paralelo com o pensamento de Paulo Freire (1997), mesmo sem tratar especificamente da educação dita “ambiental”, quando ele diz que as noções de consciência e conscientização são as principais referências importantes, na medida em que ambas as palavras costumam aparecer com muita frequência no contexto da educação ambiental.

Os meios de comunicação desempenham um fascínio perante as pessoas, e conseqüentemente nas relações sociais, políticas e econômicas. Conforme Marques de Melo (1971), os meios atuavam como instrumentos todo-poderosos, capazes de moldar totalmente o

comportamento humano, e em conseqüência, teriam condições de manipular a opinião pública, orientando-a em qualquer direção. Esse “poder” dos meios de comunicação tem a necessidade de ser analisada no contexto de um público receptor eminentemente passivo, pois há dois tipos de mensagem: a “mensagem recebida” e a “mensagem percebida”. Isso tudo vai depender do conhecimento do receptor, como por exemplo, suas percepções de meio ambiente.

A participação dos meios de comunicação na transmissão do conhecimento age como um referencial, uma forma de representações que interage com noção pessoal adquirida por meio de formação cultural, social e experiência própria. Porém, há uma distância entre o cidadão consciente dos problemas ambientais e seu papel a ser exercido na sociedade, atuando em prol da conservação do planeta, e o cidadão que não tem essa consciência, que não se vê como um responsável pelos danos provocados ao meio ambiente, um cidadão preocupado apenas com seu interesse individual e indiferente ao coletivo.

O respeito ao próximo também está ligado ao fim do individualismo, em que cada indivíduo preocupa-se somente com o seu bem-estar, sem preocupar-se com as demais pessoas e os outros seres que vivem no planeta. Todos os indivíduos têm sua parcela de responsabilidade diante a sociedade em que fazem parte, e devem proceder com tal comprometimento em todos os seus atos.

Com o estudo da percepção ambiental pode-se compreender melhor as inter-relações entre o homem e o ambiente no qual vive. Entender como cada indivíduo percebe, reage e responde frente às ações sobre o meio.

2.7 Percepção Ambiental

Após a Segunda Guerra Mundial, com o acelerado desenvolvimento industrial, o uso dos recursos naturais aumentou ainda mais, gerando mudanças na relação do homem com a natureza ao longo do tempo devido ao grau de consumo e conforto que alguns cidadãos no mundo passaram a ter.

Pesquisadores ressaltam a opinião de que a sociedade industrial levou a humanidade a uma sociedade de risco, pois se auto-confronta com os danos e riscos que ela mesmo produziu. Esse contexto induz a uma reflexão dos valores e conceitos a respeito do modelo de

desenvolvimento e suas consequências para as pessoas e a natureza, tal como questionamentos sobre suas atuações e alternativas para mudanças de comportamento.

Com o estudo da percepção ambiental, pode-se conhecer como os indivíduos percebem o ambiente em que vivem, pode ser entendido a forma em que se adquire opiniões e compreende ações diante da crise ambiental existente nos dias de hoje.

Faggionato (2007) defende que cada indivíduo percebe, reage e responde diferentemente frente às ações sobre o meio, assim o estudo da percepção ambiental é de suma importância para que se possa compreender as inter-relações homem/ambiente, pois sabendo como os indivíduos percebem o ambiente em que vivem, sua fonte de satisfação e insatisfação, será possível a realização de um trabalho partindo da realidade do público alvo.

Existem várias formas de estudar a percepção ambiental, podendo ser através de questionários, mapas-contorno, mapas-mentais, representação fotográfica, etc. Há também trabalhos em percepção ambiental que visam promover a sensibilização, assim como o desenvolvimento do sistema de percepção e compreensão do ambiente e não apenas o entendimento do que o indivíduo percebe.

A relevância da pesquisa em percepção ambiental para o planejamento do ambiente foi destacada pela Unesco em 1973. Uma dos difíceis problemas para a proteção dos ambientes naturais é a existência de diferenças nas percepções dos valores e da importância dos mesmos entre pessoas de culturas e de grupos sócio-econômicos distintos, no plano social, nesses ambientes.

Para Whyte (1977), a percepção ambiental é a compreensão e a conscientização das pessoas sobre o meio ambiente, sendo a principal força para contextualizar o ambiente e escolher qual o comportamento seguir em relação às questões ambientais.

Em estudos dirigidos por Pickett (1995) sobre comportamento ambiental, foi constatado que os problemas ambientais, como por exemplo, excesso de resíduos, poluição, desperdício de energia e de materiais, são resultantes da opção e conscientização das pessoas. No entender do autor, todos esses problemas podem ser resolvidos ou diminuídos pela escolha apropriada na tomada de decisões ambientais, ou seja, os cidadãos devem adequar seu comportamento de modo compatível com os imperativos ambientais.

Gasparetto (2004) pensa que, através das percepções é possível averiguar que o espaço não é apenas um elemento exterior a nós mesmos, e sim uma dimensão da nossa interação com ele. Por meio de vivências sensório-motoras e interações sociais, tem-se a possibilidade de construir avaliações, impressões e significados sobre uma determinada realidade geofísica. Essa explicação condiz com o que Trigueiro (2003) define como percepção ambiental:

é uma tomada de consciência do ambiente pelo homem, ou seja, perceber o ambiente que se está localizado, aprendendo a proteger e cuidar dele da melhor forma possível.

Um comportamento ambiental correto, segundo Baraúna (1999), que pode ser determinado como pró-ativo, ainda não é regra, mesmo em países desenvolvidos. Desse modo, a criação da conscientização dos assuntos ambientais é um processo muito complexo, por determinar das pessoas a compreensão de fatores, inclusive o fator tempo.

Algumas crenças e atitudes são desenvolvidas e modificadas por novas experiências ao passar do tempo. Essa questão pode ser evidenciada em populações que sofrem ou já sofreram consequências ambientais, resultantes de grandes problemas ambientais. Conforme essa teoria, Arcury e Christianson, (1990) acreditam ser os residentes urbanos os mais expostos a problemas ambientais, por razões de concentrações populacionais, atividades industriais ou de experiências do próprio ambiente onde vivem.

Tornar-se ciente dos impactos ambientais ocorridos, gerando entendimento sobre as consequências de atos e a ligação que há na ação e reação dos ecossistemas pode ser a solução para uma postura responsável com o meio em que se vive. O entendimento das maneiras de construção da percepção é importante para que medidas como a de projetos em educação ambiental tenham eficácia.

A educação ambiental junto com a percepção ambiental podem ser recursos na conservação da natureza, reaproximando o homem do meio natural. Através desses meios, é possível identificar formas eficazes em que a educação ambiental pode conscientizar, sensibilizar e atuar junto com as dúvidas ou dificuldades que os indivíduos possuem quando são questionados os assuntos sobre meio ambiente.

2.8 Crise ambiental e o despertar da conscientização

Vivencia-se, hoje, uma grande crise ambiental no mundo. As agressões ao meio ambiente, como as queimadas, uso desenfreado dos recursos hídricos, os resíduos químicos, domésticos, industriais e hospitalares, que são depositados no solo e nos rios de forma inadequada estão acontecendo com frequência nos dias de hoje. Presencia-se, também, o aumento do efeito estufa, o desmatamento e a extinção de espécies de animais.

De acordo com Michelotti (2005), a percepção da crise ambiental surgiu em diferentes setores da sociedade e forçou seu caminho dentro do sistema dos meios de comunicação,

participando de um processo competitivo com outros assuntos noticiosos dentro das redações e ganhando nas últimas décadas um espaço, hoje, regular e bastante considerável dentro do noticiário.

O que mais vêm chamando a atenção da sociedade são as notícias acerca do aquecimento global, o chamado efeito estufa, fenômeno este causado pela liberação dos gases dióxido de carbono, metano e óxido nitroso, que forma uma espécie de camada em torno do planeta, impedindo assim a radiação solar. Também há o aumento do nível do mar, que juntamente com a temperatura, vem causando frequentes furacões, tornados e seca.

Milaré (2005, p.131) relata o que o homem, ao longo de sua existência, vem retirando da natureza todos os recursos naturais possíveis para satisfazer suas necessidades, interesses e desejos. “Parece ser consequência da verdadeira guerra que se trava em torno da apropriação dos recursos naturais limitados para a satisfação de necessidades ilimitadas”. Assim, pensa-se que a crise ecológica é resultado das ações equivocadas do homem, que durante toda a história, e principalmente com o desenvolvimento industrial, ignorou os limites da natureza em busca de seu conforto e bem estar.

A poluição e a degradação do meio, as crises de recursos naturais, energéticos e de alimentos são compreendidas por Leff (2002) como consequência da pressão exercida pelo crescimento populacional sobre os recursos limitados do planeta. Também como efeito da acumulação de capital e da maximização dos lucros, ocasionando o esgotamento das reservas de recursos naturais, degradação da fertilidade dos solos e alterações nas condições de regeneração dos ecossistemas.

A escassez de informações suficientes sobre os problemas ambientais é entendida como uma importante causa da degradação do ambiente. Ao não ter conhecimento sobre a atual crise e dos impactos negativos que já foram causados na biosfera, torna-se mais fácil o uso predatório dos recursos naturais. Capra (1996) pensa que o fato de ignorarmos os princípios da Ecologia é uma das principais razões para estarmos destruindo o meio ambiente natural. Esta ignorância tem contribuído para a atual crise mundial e continuará a produzir crises ambientais até que a humanidade torne-se ecologicamente instruídos.

Outro fator importante a ser destacado sobre a crise ambiental é o erro que as pessoas fazem ao confundir meio ambiente com fauna e flora como se fossem sinônimos. Na concepção de Marina Silva (2003, p.15), é grave que a maioria dos brasileiros não se percebe como parte do meio ambiente, como se ele fosse algo externo, que não inclui o ser humano. “A expansão da consciência ambiental se dá na exata proporção em que percebemos meio

ambiente como algo que começa dentro de cada um de nós, alcançando tudo o que nos cerca e as relações com o universo”.

Ao mesmo tempo em que há o agravamento da crise ambiental, aos poucos começa a surgir uma nova consciência das pessoas, que procuram restabelecer a relação ente o homem e a natureza. Ainda que esse processo de mudança ocorra de forma gradativa, é um passo de grande importância para o enfrentamento da denominada crise ambiental. É preciso que se estabeleça um ponto de equilíbrio entre a conservação e a exploração planejada e consciente dos recursos naturais.

Nesse contexto, se faz necessário analisar alguns aspectos da crise ambiental vivenciada na sociedade contemporânea, apontando algumas de suas causas, e buscando alternativas para a sua superação. O desenvolvimento sustentável é um dos pontos-chave nesse processo. Porém sua viabilização depende de diversos fatores, e, principalmente, de uma mudança no pensamento, com a formação de uma nova consciência. Segundo Campos (2006), é necessário educar para o consumo sustentável na tentativa de implantar a consciência ambiental na população.

O avanço nas pesquisas ambientais e maior consciência, na parte de alguns, repercutiram nas empresas. Almeida (2003) esclarece que mais de 2000 companhias no mundo já apresentam relatórios de sustentabilidade, mais abrangente que os tradicionais documentos financeiros. O Conselho Empresarial Brasileiro para o Desenvolvimento Sustentável (CEBDS) publica a cada dois anos o relatório da Sustentabilidade Ambiental, onde são abordados os dados relativos aos desempenhos econômico, ambiental e social das empresas associadas.

Para Leff (2002), a resolução da crise ambiental e a construção da racionalidade ambiental requerem a mobilização de processos sociais como a formação de uma consciência ecológica, o planejamento transetorial da administração pública, a participação da sociedade na gestão dos recursos ambientais e a reorganização transdisciplinar do saber.

A alfabetização ecológica também é uma etapa importante no sentido de superar a atual crise ambiental e social. Capra (1996) relata que a alfabetização ecológica envolve o conhecimento e a compreensão dos princípios da Ecologia, bem como do pensar em termos de sistemas. Para ele, Ecologia, além de um campo de estudos, precisa tornar-se um modo de vida, um modo de vida assentado sobre novos valores, que se pode chamar de valores ecológicos, como a cooperação, a conservação, a qualidade e a associação.

Diante dos enormes problemas enfrentados hoje, pensa-se na importância de informações e providências voltadas à educação ambiental diante dessa realidade. Uma

mudança de valores e atitudes está sendo exigida frente à gravidade da situação ambiental em todo o mundo.

É através dessa alfabetização ecológica, que nada mais é do que educação ambiental, que contribuirá para o processo de conscientização ambiental das pessoas, aqueles que desejam uma sociedade ecologicamente viável.

Não é responsabilidade apenas das empresas de comunicação dar importância às mensagens que tratam da educação ambiental. É responsabilidade também dos governantes para estimularem as investigações a respeito das questões ecológicas, para que novos caminhos levem os indivíduos a criar uma consciência crítica diante da problemática ambiental.

A possibilidade de transformação na esfera ambiental é defendida por Feldmann (2003):

A crise que vivemos, enquanto Humanidade, oferece uma oportunidade única de revisão dos valores por ela praticados em todos os momentos, desde os atos mais simples do cotidiano, nos quais o consumo se insere. Este, cada vez mais, deve ser encarado não apenas como mera estratégia física, mas como parte de uma estratégia maior na busca de reconhecimento social de cada indivíduo perante seus pares e na procura de satisfação existencial (FELDMANN, 2003, p. 156- 157).

A atual crise ambiental da sociedade contemporânea pode significar boas oportunidades de reflexão, e a possibilidade de reformulação do pensamento antropocêntrico e individualista que ainda predomina, tal como a mudança de comportamentos que são decisivos para os problemas ambientais.

3 PERCURSO METODOLÓGICO

3.1 Abordagem da pesquisa

A presente pesquisa foi realizada através do método de uma pesquisa quantitativa (BAUER e GASKELL, 2002). Trata-se de um tipo de pesquisa construída no decorrer do seu desenvolvimento e que busca numerar ou medir eventos. A pesquisa quantitativa lida com números para explicar e realizar o levantamento de dados.

Nesta direção, Bauer e Gaskell (2002), considera que, neste tipo de pesquisa, está centrado ao redor de levantamento de dados e de questionários. É realizada para obter medidas precisas e confiáveis. Além disso, medir opiniões, atitudes, comportamentos, e as questões fáceis de quantificar (MORESI, 2003).

Essa pesquisa é classificada como pesquisa-ação, que, para Gil (1995), tem por finalidade de possibilitar a obtenção de resultados socialmente mais relevantes, assim como desempenhar papel ativo na coleta, análise e interpretação dos dados. A pesquisa-ação, segundo Gil (1995), é desenvolvida com o objetivo de se caracterizar pelo envolvimento pelo pesquisador e dos participantes no processo da pesquisa.

Dessa forma, a coleta de dados para o desenvolvimento desse estudo foi através da aplicação de um questionário, realizada individualmente, com questões focadas relativas à informação ambiental inserida no jornal.

Essa técnica de pesquisa inicia um processo de descoberta na mente do entrevistado. Ao responder ao questionário, o participante começa a focalizar um determinado problema e o faz segundo um modo de abordá-lo.

A construção do questionário foi feita através de perguntas referentes à proposta do estudo, podendo assinalar apenas 1 alternativa. Estruturado com perguntas fechadas e abertas, esse processo metodológico permitiu que os leitores tivessem a possibilidade de responder aos questionamentos com mais liberdade, não se detendo apenas à marcação de alternativas.

De acordo com Gil (1991), questionário é uma técnica de investigação, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas, etc. A construção do questionário consiste em traduzir os objetivos específicos da pesquisa em itens bem redigidos.

No percurso metodológico também foi utilizado o estudo de recepção que tem como objetivo a proposição de que o estudo da recepção não deve ser feito a partir da divisão produção/recepção e sim das ‘mediações’ (GÓMEZ, 2002). O mesmo autor ainda afirma que, a recepção deve ser entendida como um processo interativo, e não como mero recebimento passivo e acrítico de informações.

McQuail (1992) afirma que o receptor é também um iniciador, que no sentido de originar mensagens de retorno, quer no sentido de pôr em prática processos de interpretação com certo grau de autonomia. O receptor age sobre a informação que está à sua disposição e utiliza-a.

Para Jensen e Rosengren (1990), a análise de recepção questiona tanto a validade da análise interpretativa de conteúdo como fonte de conhecimento sobre usos e efeitos dos conteúdos dos meios de comunicação.

Com relação aos resultados obtidos, foi usado o método de análise de conteúdo. Segundo Marconi e Lakatos (1999) a análise e interpretação dos dados é a tentativa de evidenciar as relações existentes entre fenômenos estudados.

3.2 Participantes da pesquisa

Os participantes da pesquisa foram escolhidos aleatoriamente e por conveniência, sendo todos da cidade de Santa Maria/RS e leitores do jornal. A pesquisa foi desenvolvida a partir da colaboração de 50 pessoas que aceitaram o convite para responderem o questionário. O número de participantes escolhidos para a pesquisa se deve ao motivo de ser o número aproximado de pessoas que entram em contato com o jornal diariamente, através de ligações, e-mail's ou pessoalmente.

Os participantes têm entre 22 e 65 anos, profissões diversas sendo que nenhuma trabalha ou já trabalhou profissionalmente com a temática ambiental.

3.3 Procedimentos de coleta de dados

Foi utilizado como instrumento desta pesquisa o uso do questionário (APÊNDICE A), com questões construídas a partir dos objetivos da pesquisa. Os questionários foram entregues pessoalmente ou via e-mail aos participantes e devolvidos no prazo definido.

3.4 Procedimentos de análise dos dados

A análise de conteúdo é usada para descrever e interpretar o conteúdo de toda classe de documentos e textos, conduzindo a descrições sistemáticas, qualitativas ou quantitativas, a fim de interpretar as mensagens para compreender os seus significados em um nível que vai além de uma leitura comum (MORAES, 1999).

3.5 Justificativa para escolha do jornal

O jornal A Razão foi escolhido como objeto de estudo por ser o veículo impresso mais antigo em Santa Maria com caráter diário, de produção local e por já ter uma pesquisa semelhante sobre o Diário de Santa Maria, jornal mais lido na cidade, feito por Barbosa (2011).

4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

4.1 Temática ambiental inserida no jornal

Para tratar da questão ambiental inserida no jornal, foi consultado o editor chefe José Mauro Batista. Na sua fala, explicou a forma como o tema meio ambiente é abordado no jornal, que é tratado mais especificamente de assuntos factuais, ou seja, assuntos abordados apenas quando ocorre, a exemplo dos desastres naturais.

Apesar de saber a grande importância que temas ambientais possuem perante a população, o editor chefe não vê os profissionais da comunicação preparados para tratar de tal assunto, assim como os leitores não enxergam a problemática ambiental inserida em suas cidades e não tomam consciência sobre o que é Educação Ambiental. As matérias pertencentes à editoria sobre meio-ambiente ainda são limitadas e confusas para os jornalistas e isso dificulta mais ainda a assimilação pela população. A superficialidade que existe nas notícias torna o jornal somente um meio de veiculação de fatos.

Os jornalistas não sugerem pautas ambientais para serem tratadas nas edições do jornal. Uma das justificativas para isso é a falta de interesse da maioria dos leitores, e assim, passam por pautar assuntos do cotidiano. Segundo José Mauro, durante o ano, em média, são feitas 2 grandes matérias no jornal que tratam sobre o meio ambiente.

O que foi relatado a respeito de denúncias dos leitores se restringe à problemas que afetam a si próprios, como resíduos jogados em frente a suas casas. Poucas são às vezes em que algum leitor reclama para o jornal sobre problemas ambientais na cidade, longe da sua casa. Os leitores também procuram o jornal para reclamar da infraestrutura do seu bairro, ruas, estradas com buracos e esgotos a céu aberto.

O jornal A Razão faz a campanha “Verde que te Quero Verde”, a qual desenvolve atividades ecológicas de educação e preservação ambiental, com apoio da Fundação Estadual de Pesquisa Agropecuária (FEPAGRO). Este Projeto foi considerado evento do calendário oficial do município, através de Lei de Municipal de Janeiro de 2012 e chega à sua 26^a edição em 2013. Tem como um dos objetivos o desenvolvimento de ações conjuntas com a comunidade santa-mariense, com intuito de contribuir para a resolução dos problemas ambientais através da distribuição gratuita de mudas de árvores nativas como forma de defesa

do meio ambiente. Essa é uma realização em que o editor chefe acredita dar bastante visibilidade para a questão ambiental dentro do jornal.

4.2 Matérias do jornal escolhidas para análise

A pesquisa das matérias relacionadas ao meio ambiente veiculadas no Jornal A Razão foi feita nos meses de maio, junho, julho e agosto de 2013. Período em que a pesquisadora dedicou-se a construção do referencial teórico do trabalho.

Foram encontrados no jornal, dentro do período mencionado, 72 conteúdos em que a pesquisadora julgou serem referentes ao meio ambiente, direta ou indiretamente, entre eles: artigos enviados por leitores, reportagens e notas em diferentes editorias. Alguns assuntos foram mais abordados, como: plantio e poda de árvores, rede de esgoto em Camobi (bairro de Santa Maria/RS) e semana do meio ambiente. No mês de junho ocorreu um número maior de publicações devido a semana do meio ambiente comemorada na cidade.

Os quatro textos escolhidos para serem analisados são:

- a) uma nota com título *Limpeza de canteiros e vias urbanas* (Anexo A), publicada na edição de final de semana, dias 4 e 5 de maio de 2013, na editoria A Razão do Rio Grande.
- b) uma nota intitulada de *Ação a favor da natureza* (Anexo B), publicada no dia 13 de junho de 2013, na editoria Geral.
- c) uma nota com título *Postes da cidade com lâmpadas mais econômicas* (Anexo C), publicada no dia 10 de julho de 2013, na contra-capas.
- d) uma nota intitulada de *Acidente causou dano ambiental* (Anexo D), publicada na edição de final de semana, dias 10 e 11 de agosto de 2013, na editoria Geral.

Justifica-se a escolha desses textos pelo fato dos assuntos tratarem de questões diferentes e terem bastante relação com a temática meio ambiente. Outra justificativa para a escolha desses 4 textos é o tamanho não exaustivo de leitura para os participantes da pesquisa. A grande maioria dos textos encontrados no jornal apresenta tamanho semelhante, pois são pequenas notas. Sendo assim, a escolha dos textos foi justa aos outros textos encontrados no jornal no período estudado.

Para compreender o que é nota e editoria, e assim classificar os textos, a pesquisadora se baseou na definição do Dicionário de Comunicação (RABAÇA; BARBOSA, 2001, p.

638). Traz como definição de *nota*: uma pequena notícia destinada à informação rápida. Caracteriza-se por extrema brevidade e concisão. *Editoria*: cada uma das seções de uma empresa editorial, de um órgão de imprensa, de uma obra de referência etc., sob a responsabilidade de um editor especializado.

A seguir apresenta-se um quadro no qual são apresentados os meses pesquisados e as editorias nas quais foram encontrados textos pertinentes a esse trabalho.

Editoria	Maio	Junho	Julho	Agosto	Total
Espaço do leitor	1	2	2		5
Política		2	1		3
A Razão do Rio Grande	3	6	4	3	16
A Razão de ler				1	1
Opinião		2	1		3
Geral	2	9	6	5	22
Economia	1	1	1	1	4
Segundo Razão a			1		1
Polícia			1		1
A Razão		1			1
Bichos	1	1			2
Serviço	2	3	1		6
Resumo	1			1	2
					72*

Quadro 1 - Conteúdos por editorias

*Mais 3 conteúdos na contra-capa (2conteúdos no mês de julho e 1 no mês de junho) e 2 conteúdos na capa no mês de julho.

4.3 Dados obtidos com o questionário

A pergunta número 1, *qual o papel dos meios de comunicação na informação ambiental*, apresentava as seguintes alternativas: informar; formar cidadãos conscientes; entreter; outros-especifique. Dos 50 participantes, 34 responderam que é formar cidadãos conscientes e 16 responderam que é informar. Uma pessoa que assinalou *formar cidadãos conscientes* escreveu o seguinte comentário: “Embora eu acredite que os meios de comunicação não desempenham o papel principal, que ao meu ver, conscientização é uma questão totalmente ligada a educação, princípios e valores, se desde criança tu ensinar que não pode jogar um papel na rua, etc, assim se forma cidadãos conscientes”.

Na pergunta número 2, *qual foi sua reação ao ler os quatro textos*, as alternativas para serem marcadas eram: senti-me bem informado após ler os textos; senti interesse por mais informações sobre o tema; fiquei com dúvidas. Poderia comentar a opção escolhida. 21 participantes responderam que se sentiram bem informados após ler os textos e 29 responderam sentir interesse por mais informações sobre o tema. Dos 50 participantes, 4 comentaram o seguinte, essas em que 2 assinalaram senti-me bem informado após ler os textos: “Acredito que o jornal impresso ainda é o veículo de comunicação que o cidadão tem mais acessibilidade. Assim, penso que com matérias relevantes, a sociedade poderá ficar mais informada e instigada em saber como proceder para auxiliar no meio ambiente” e “Gostei da atitude de recolhimento desses materiais que muito prejudicam o meio ambiente. Também acho necessário que toda a atitude que traga benefícios e economia vão gerar a população mais saúde e conscientização da importância da preservação do meio ambiente”. As outras 2 pessoas que assinalaram senti interesse por mais informações sobre o tema comentaram desta forma: “O descarte permanente que deveria ser mantido pela prefeitura, principalmente das lâmpadas fluorescentes” e “Deveria haver uma editoria ambiental em cada jornal, tirando esta questão tão importante da editoria geral, o que certamente abriria novos horizontes para a conscientização dos cidadãos”.

Na questão número 3, *qual leitura mais te agradou*, 25 pessoas responderam o texto 3¹³, 21 pessoas responderam o texto 2¹⁴ e 4 pessoas responderam o texto 1¹⁵. Os comentários como justificativa para a escolha do texto 3 foram sobre uma mudança para economia de

¹³ Postes da cidade com lâmpadas mais econômicas

¹⁴ Ação a favor da natureza

¹⁵ Limpeza de canteiros e vias urbanas

energia na cidade. Os comentários como justificativa para escolha do texto 2 foram a cerca da importância de uma ação em favor ao meio ambiente. Os comentários justificando a escolha do texto 1 resumem-se em manter a cidade limpa para evitar danos ao meio ambiente e social.

A questão 4, *de acordo com esses textos lidos, você acha que o jornal A Razão está cumprindo qual função*, das 50 pessoas que responderam o questionário, 32 responderam informar e 18 responderam formar cidadãos conscientes. As demais alternativas eram entreter e outros-especifique. 2 pessoas que assinalaram informar fizeram os seguintes comentários: “Penso que informando está. Poderia haver mais matérias sobre o tema e também sobre a conscientização da sociedade em relação ao meio ambiente, como matérias mais chocantes e provocadoras de reflexão, para que assim o cidadão mude seus hábitos” e “Acho que a função é informar, embora a ideia seja conscientizar”.

Na última pergunta de número 5, foi questionado se o participante gostaria de encontrar mais assuntos sobre meio ambiente nos jornais locais. Todas as 50 respostas foram sim.

4.4 Análise dos dados obtidos com o questionário

Através da primeira indagação do questionário, que traz como pergunta *qual o papel dos meios de comunicação na informação ambiental*, obteve-se, como a maioria das respostas, formar cidadãos conscientes. Assim, entende-se que a contribuição dos veículos de comunicação para a compreensão dos problemas ambientais, principalmente o jornal e a TV, é de grande importância para o exercício da cidadania. É através das informações desses meios que as pessoas vão realizar ações transformadoras, mudando hábitos e comportamentos. Para isso, deve ser desempenhado um jornalismo ambiental capaz de provocar reações nos receptores, com todas as informações completas e contextualizadas.

Conforme afirma Bueno (2007), o jornalismo ambiental não pode apenas informar, mas também explicitar as causas e soluções para os problemas ambientais, além de mobilizar os cidadãos para fazer frente aos interesses que condicionam o agravamento da questão ambiental.

A maioria dos participantes sentiu interesse por mais informações sobre o tema ao lerem os textos selecionados. Interpreta-se esse resultado como uma carência de mais informações que aprofundem o tema, que expliquem causas, efeitos e soluções. Essa falta de

informação pode ser o motivo para os leitores não entenderem a amplitude e relevância de determinados assuntos, principalmente a crise ambiental em que se vive hoje.

O texto 3 intitulado de *Postes da cidade com lâmpadas mais econômicas* foi o escolhido como texto que mais agradou. Enquanto muito se fala pelos meios de comunicação sobre a importância de pensar o meio ambiente, na matéria escolhida é possível ver uma ação sendo realizada na cidade: a troca das lâmpadas de sódio e mercúrio por lâmpadas de LED (*light-emitting diode*, traduzido como diodo emissor de luz). Essas lâmpadas são 80% mais econômicas no gasto de energia. Chegou-se nessa reposta pelo motivo de que os participantes gostaram da mudança de lâmpadas, o que gera mais economia de energia para a cidade e, conseqüentemente, para população.

Os participantes acham que o jornal A Razão está cumprindo a função de informar e não de formar cidadãos conscientes, através da leitura dos quatro textos. Seguindo com o pensamento de Bueno (2008), o autor ressalta que há três funções principais do jornalismo ambiental, que são: função informativa, que supre a necessidade que o receptor tem em estar em dia com os principais assuntos referentes à questão ambiental; função pedagógica, que aborda as causas e soluções para os problemas ambientais e a indicação de caminhos para a superação dos problemas ambientais; função política, tratando da mobilização dos cidadãos para fazer frente aos interesses que condicionam o agravamento da questão ambiental. No entanto, não é visto aqui a função pedagógica e política, apenas a informativa.

Diante do que foi dito pelo editor chefe, o jornal A Razão trabalha com os assuntos factuais da cidade, o que não dá espaço para assuntos do interesse de todos, assuntos que podem servir de auxílio para toda a população, mostrando as causas e conseqüências de determinado fato e o que pode ser feito para melhorar.

No momento em que as pessoas não possuem informações fundamentais, não enxergam o problema com toda sua complexidade, não são capazes de se mobilizarem e agirem conscientemente perante as questões ambientais.

Os participantes da pesquisa gostariam de encontrar mais informações ambientais nos jornais locais, demonstrando, talvez, uma falta de notícias sobre esse assunto inserido nos veículos. A falta de noção sobre os problemas ambientais é uma importante causa da degradação do ambiente. Ao não ter conhecimento sobre a atual crise e dos impactos negativos que já foram causados na biosfera, torna-se mais fácil o uso predatório dos recursos naturais.

Trigueiro (2003) destaca que a questão ambiental aparece de maneira superficial e fragmentada na imprensa, e isso se deve a fatores como as percepções sobre o conceito de

meio ambiente dos profissionais do jornalismo, a pressão pela agilidade na produção e a falta de formação acadêmica de muitos.

O jornal A Razão, através desse estudo, pode ser considerado um exemplo de jornal com o conteúdo ambiental superficial e pouco contextualizado, como refere Trigueiro. Também causado pelo desinteresse dos profissionais que trabalham no jornal para sugestões de pautas que tratem do tema meio ambiente.

5 CONCLUSÕES

Escrever um trabalho sobre um contexto em transformação é um enorme desafio. É um desafio maior ainda, pois se trata de um objeto de estudo, que são as matérias de um jornal, veiculadas hoje em dia, de maneira dinâmica, rápida e sem profundidade, como se pôde perceber nessa pesquisa.

Em consideração ao objetivo principal proposto, de descobrir se os quatro textos selecionados do jornal *A Razão* informam ou possibilitam a conscientização dos leitores, pode-se dizer que foi alcançado. A resposta obtida é a de que esses textos apenas informam. Além disso, há superficialidades, apontando uma ausência de mais informações, o qual os participantes sentiram falta. Eles foram informados e não motivados a construir uma consciência dos problemas ambientais existentes.

Fazer um resgate do contexto histórico do jornalismo impresso no Brasil e Rio Grande do Sul foi muito importante, porque só entendendo suas transformações até os dias atuais é que foi possível começar o estudo do jornalismo ambiental. Desde quando surgiram os jornais e outros meios de comunicação, tem-se a contribuição para discussões do interesse da sociedade, e é através desses meios que as pessoas adquirem conhecimentos e fazem reflexões a cerca dos assuntos abordados.

A preocupação com o meio ambiente também fez com que os jornalistas começassem a refletir e publicar conteúdos com essa temática. Ao longo do tempo, com a descoberta do “buraco” na camada de ozônio e o impacto das atividades humanas no aumento do aquecimento global, o assunto meio ambiente ganha um grande espaço na mídia.

Através do referencial teórico pôde-se entender o que é jornalismo ambiental, como ele é realizado, suas características, contribuições e como ele aparece nos meios de comunicação. Por meio da contextualização sobre educação para cidadania, educomunicação, percepção ambiental, importância da mídia para a educação ambiental e crise ambiental e o despertar da conscientização foi possível chegar a um entendimento mais claro para realizar o foco principal da pesquisa.

O que é de extrema importância destacar na conclusão desta pesquisa é a forma como o jornal aborda a questão do meio ambiente. Mediante o resultado da pesquisa, foi constatado que o jornal apenas informa os leitores e não traz em seu conteúdo abordagens com caráter de conscientização ambiental. A produção de notícias ambientais é incipiente e necessita de maior aprofundamento e conhecimento da questão. Requer maior cuidado dos veículos de

comunicação e dos jornalistas, uma vez que com preparo e domínio das questões que abrangem o meio ambiente, se construirá uma cobertura adequada para os tempos que vivemos. Para que exista um despertar consciente e o exercício de cidadania crítica e participativa comece a ser praticado em cada leitor.

O interesse dado às questões ambientais é firmemente determinado por assuntos trágicos e factuais. O que de certa forma não está incorreto, porém, ainda falta para o jornal local perceber a urgência de abrirem novos espaços para pautas que cumpram o objetivo de tratar da problemática sócio-ambiental de forma interdisciplinar. A função social dos meios de comunicação possui a incumbência de explicar com clareza aos telespectadores, leitores, ouvintes, os grandes desafios que se tem hoje e terão futuramente, como o aquecimento global, degradação da biodiversidade, mudanças climáticas, escassez dos recursos hídricos, aumento excessivo de resíduos, etc.

Um possível despertar de consciência voltado para o meio ambiente, por meio da aplicação do questionário, pode ter sido atingido. Pessoas que, talvez, nunca tenham pensado na forma como a temática ambiental é tratada pela mídia, ou tão pouco refletido sobre suas ações perante o ambiente em que vivem, podem ter mudado de pensamentos. Acredita-se, também, no papel mediador dos participantes da pesquisa, na medida em que alguns provavelmente comentaram com familiares e amigos a participação na atividade, assim como as questões que foram abordadas no questionário.

Os resultados da pesquisa não podem ser considerados fechados. Foi feita a análise de apenas 4 textos dentro dos 72 conteúdos vinculados ao meio ambiente nos meses de maio, junho, julho e agosto de 2013. Portanto, este estudo não finaliza o problema, mas serve como base para futuras pesquisas e como uma forma de entender e contextualizar a temática ambiental inserido nos jornais locais. Assim como fazer um estudo de recepção mais elaborado, atingindo um número maior de participantes.

5.1 Sugestões

Diante das respostas do questionário e de acreditar que faltam incentivar boas notícias na mídia a respeito do meio ambiente, como projetos, soluções, iniciativas que deram certo, é importante, também, trabalhar a questão educacional junto às matérias cotidianas, pois dessa forma pode existir uma possibilidade de motivar e sensibilizar as pessoas para transformações em suas vidas em prol do meio ambiente.

No trabalho desenvolvido por Barbosa (2011), a pesquisadora constatou que o jornal Diário de Santa Maria, outro importante jornal da cidade, também, não trata a questão educacional junto à suas matérias publicadas. Da mesma maneira, o resultado obtido com a pesquisa, foi de que os conteúdos são apenas informativos, sem abordagens de conscientização para a questão ambiental.

Sendo assim, é necessário que o jornalismo ambiental tenha habilidades para atender a enorme demanda de compreensão que surge da sociedade sobre o mundo e suas transformações, especialmente os jornais locais, devido ao poder de se aproximar com a população. É o meio ideal para intermediar o conhecimento imprescindível entre os cidadãos e o meio ambiente. Como já foi dito anteriormente, uma qualificação dos profissionais atuantes dentro de um jornal, que vai desde o editor-chefe aos jornalistas, para melhor tratarem os assuntos ambientais, dando devida atenção e comprometimento que a causa necessita, seria um grande passo a favor da conscientização ambiental através das notícias veiculadas.

REFERÊNCIAS

- ABREU, M. S. **Quando a palavra sustenta a farsa: o discurso jornalístico do desenvolvimento sustentável.** Florianópolis: UFSC, 2006.
- ALMEIDA, F. Negócios. In: TRIGUEIRO, A. (org). **Meio ambiente no século 21.** Rio de Janeiro: Sextante, 2003.
- ANDRADE, T. **Ecológicas manhãs de sábado: o espetáculo da natureza na televisão brasileira.** São Paulo: Annablume: FAPESP, 2003.
- ARCURY, T. A.; CHRISTIANSON, E. H. **Rural-urban differences in environmental knowledge and actions.** Environmental and Behavior, v. 22, 1990.
- BARAÚNA, A. **A percepção da variável ambiental de algumas agroindústrias de Santa Catarina.** 1999. 111f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção)-Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 1999.
- BARBOSA, V. **Jornalismo e Meio Ambiente: um estudo de recepção sobre as temática ambiental no jornal Diário de Santa Maria.** 2011. 64 f. Monografia (Graduação em Comunicação Social-Habilitação Jornalismo)-Centro Universitário Franciscano, Santa Maria, 2011.
- BAUER, M.W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático.** Traduzido por Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- BELMONTE, R. V. Cidades em mutação: menos catástrofes e mais ecojornalismo. In: VILAS BOAS, S. **Formação & Informação Ambiental: jornalismo para iniciados e leigos.** São Paulo: Summus, 2004.
- BERNA, V. **Como fazer educação ambiental.** 2. ed. São Paulo: Paulus, 2004.
- BERNA, V. **Amigos do planeta: meio ambiente e educação ambiental.** São Paulo: Paulus, 2008.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil.** Brasília-DF, 1998.

BRASIL. **Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999.** Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9795.htm>. Acesso em: 25 nov. 2013.

BUENO, W. **Comunicação, Jornalismo e Meio Ambiente:** teoria e pesquisa. São Paulo: Mojoara, 2007.

BUENO, W. **Jornalismo ambiental:** desafios e reflexões. Porto Alegre: Dom Quixote, 2008.

CALDAS, G. Política de C&T, mídia e sociedade. **Comunicação & Sociedade**, São Bernardo do Campo, n. 30, UMESP, 1999.

CAMPOS, P. C. **Jornalismo ambiental e consumo sustentável.** (2006). Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/campos-pedro-jornalismo-ambiental.pdf>. Acesso em: 26 nov. 2013.

CAPRA, F. **O que é alfabetização ecológica?** Rede Mulher, Caderno 3, São Carlos, 1996.

CARVALHO, I. **Educação ambiental crítica:** nomes e endereçamentos da educação. MMA/ Secretaria Executiva/ Diretoria de Educação Ambiental (Org.). Identidades da educação ambiental brasileira. Brasília: MMA, 2004.

CARVALHO, I. **Movimentos sociais e políticas de meio ambiente.** A educação ambiental aonde fica? In: SORRENTINO, M.; TRAJBER, R.; BRAGA, T. (orgs.). Cadernos do III Fórum de educação ambiental. São Paulo: Gaia, p. 58-62, 1995.

CASTILHO, C. **Educomunicador é preciso.** Disponível em www.usp.br/nce/aeducunicacao/saibamais/textos. Acesso em: 03 jul. 2013.

DIAS, G. F. **Educação ambiental:** princípios e práticas. 2. ed. rev. ampl. São Paulo: Gaia, 1993.

DÍAZ, A. P. **Educação ambiental como projeto.** Trad. Fátima Murad. Consultoria, supervisão e revisão técnica dessa edição Michèle Sato. 2.ed. Porto Alegre: Artmed, 2002.

FAGGIONATTO, S. **O que tem a ver percepção ambiental com a educação ambiental?** In: MATERIAL de apoio – textos São Paulo, Mar. 2007. Disponível em: <http://educar.sc.usp.br/biologia/textos/m_a_txt4.html#percepcao>. Acesso em: 19

jul. 2013.

FELDMANN, F. A parte que nos cabe: consumo sustentável? In: TRIGUEIRO, André (coord.). **Meio ambiente no século 21: 21 especialistas falam da questão ambiental nas suas áreas de conhecimento**. Rio de Janeiro: Sextante, 2003. p. 156- 157.

FLORENTINO, H.F. **Uma análise das concepções sobre ciência, biodiversidade e desenvolvimento sustentável presentes no discurso de um programa televisivo**. 125f. Dissertação (Mestrado em Educação)-Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

FREIRE, P. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

GASPARETTO, M. I. **A Floresta amazônica e suas múltiplas dimensões: uma proposta de educação ambiental**. Manaus : INPA ; [Brasília] : CNPq, 2004.

GERAQUE, E. A. **Reportagens atravessadas: um mergulho via teoria geral dos sistemas na cobertura da poluição atmosférica feita por jornais brasileiros e mexicanos**. Tese. São Paulo, Universidade de São Paulo, 2006.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1991.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1995.

GÓMEZ, O. G. (coord.). **Recepción y Mediaciones-Casos de investigación em América Latina**. Buenos Aires: Norma, 2002.

GONÇALVES, C. W. P. **Extensão universitária e meio ambiente: a difícil relação entre o saber e o saber fazer**. **Textos básicos do N Seminário Nacional sobre Universidade e Meio Ambiente**. Florianópolis: UFSC, 1990. p. 192-194.

GREENPEACE. Disponível em: <<http://www.greenpeace.org/brasil/pt/>>. Acesso em: 25 nov. 2013.

GRÜN, M. A produção discursiva sobre educação ambiental: terrorismo, arcaísmo e transcendentalismo. In: VEIGA-NETO, Alfredo (org.). **Crítica pós-estruturalista da educação**. Porto Alegre: Sulina, 1995.

IBAMA. Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis. **Educação Ambiental: as grandes orientações da Conferência de Tbilisi**. Brasília (DF): IBAMA, 1998.

JENSEN, K. B; ROSENGREN, K. E. Cinco tradiciones em busca del público, in: DAYAN (COMP). **Em busca del público**. Barcelona: Gredida, 1997.

JOHN, L. **Imprensa, Meio Ambiente e Cidadania**. In: Revista Ciência e Ambiente. Santa Maria:UFSM, V. 23, julho/ dezembro, 2001.

KURY, K. A. **Educação Ambiental e Cidadania**. Publicado no Boletim do Observatório Ambiental. Janeiro, 2009.

LAGE, N. **A Reportagem: teoria e técnica da entrevista e pesquisa jornalística**. 3 ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

LEFF, E. **Epistemologia Ambiental**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

LIMA, G; MELO, T. **Educomunicação e Meio Ambiente**. In: Educomunicação e Meio Ambiente. Brasília, 2008. Disponível em: <<http://educambiental.wordpress.com/2008/09/08/educunicacao-ambiental>> Acesso em: 09 jul. 2013.

LIMA, G. Questão ambiental e educação: contribuições para o debate. **Ambiente & Sociedade**, Campinas, n.5, p.135-153, 1999. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/asoc/n5/n5a10.pdf>. Acesso em: 05 nov. 2013.

LOOSE, E. B; PERUZZOLO, A. C. **Como o meio ambiente é tematizado no discurso jornalístico da Folha de S.Paulo**. Natal: Intercom, 2008.

LUCKMAN, A. P. **Educação, jornalismo e meio ambiente: leituras sobre a crise ecológica no contexto do aquecimento global**. Anais da 30ª Reunião Anual da ANPED, GT 16 – Comunicação e Educação, outubro de 2007.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de Pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 1999.

MARQUES DE MELO, J. **Comunicação, opinião e desenvolvimento**. Petrópolis: Vozes, 1971.

MICHELOTTI, G. **Meio ambiente, sociedade e meios de comunicação**: representações sociais da questão ambiental na sociedade de risco e na era da informação. Revista Comunicação em Agribusiness & Meio Ambiente, 2005.

MCQUAIL, D. **Introducción a La teoria de La comunicación de masas**. México: Paidós Comunicación, 1992.

MILARÉ, E. **Direito do Ambiente**. 4. ed., São Paulo: Revista dos Tribunais, 2005.

MORAES, R. Análise de conteúdo. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

MORESI, E. (org.) **Metodologia da Pesquisa**, 2003. 108 f. Monografia (Pós – Graduação Stricto Sensu em Gestão do Conhecimento e Tecnologia da Informação)–Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2003.

PENTEADO, H.D. **Meio ambiente e formação de professores**. São Paulo: Cortez, 1994.

PICKETT, G. M. **An examination of the conserving consumer**: implications for public policy formation in promoting conservation behavior. In: Polonsky, Michael Jay.; Mintu-Wimsatt, Alma T. (eds.) *Environmental Marketing: strategies, practice, theory and research*. New York: The Haworth Press, 1995.

RABAÇA, C.A; BARBOSA, G. G. **Dicionário da Comunicação**. Nova Edição Revista e Atualizada. São Paulo: 2001.

RAMOS, L. F. A. **Meio ambiente e meios de comunicação**. São Paulo : Annablume, 1996.

RAMOS, L.F.A. **O desafio da comunicação ambiental**: um estudo das propagandas das ONGs na TV. Tese (Doutorado em Comunicação). Escola de Comunicação e Artes da USP. São Paulo, 2002.

REIGOTA, M. Desafios à educação ambiental escolar. In: CASCINO, Fábio; JACOBI, Pedro; OLIVEIRA, José Flávio de. **Educação, Meio Ambiente e Cidadania**: Reflexões e Experiências. São Paulo, Secretaria do Estado do Meio Ambiente/Coordenaria de Educação Ambiental, 1998.

REIGOTA, M. Educação ambiental: fragmentos de sua história no Brasil. In: NOAL, Fernando Oliveira; REIGOTA, Marcos; LIMA BARCELOS, Valdo Hermes de. **Tendências da Educação Ambiental Brasileira**. 2. ed. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2000.

SACHS, I. **Desenvolvimento**: incluyente, sustentável, sustentado. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

SCHARF, R. Verde como Dinheiro – Economia sustentável é utopia, contradição ou lucro certo? In Vilas Boas, Sergio. **Formação & Informação ambiental: jornalismo para iniciados e leigos**. São Paulo: Summus, 2004

SILVA, R. T; BORTOLIERO, S. T. **A cobertura ambiental nos jornais impressos de Salvador**: um panorama das notícias sobre o meio ambiente nos jornais A Tarde e Correio. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste – Campina Grande – PB – 10 a 12 de Junho, 2010. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2010/resumos/R23-0443-1.pdf>>. Acesso em: 25 nov. 2013.

SILVA, R. L. F. **O meio ambiente por trás da tela**: estudo das concepções de educação ambiental dos filmes da TV Escola. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação da USP, São Paulo, 2007.

SILVA, M. Prefácio. In: TRIGUEIRO, A. (org). **Meio ambiente no século 21**. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

SILVA, M. S. da. **Mídia e Meio Ambiente**: uma análise da cobertura ambiental em três dos maiores jornais do Brasil. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura)- Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

SOARES, Ismar de O. (2002) Metodologias da Educação para Comunicação e Gestão Comunicativa no Brasil e na América Latina. In: BACCEGA, M. A. (Org.). **Gestão de Processos Comunicacionais**. São Paulo: Atlas, 2002.

SOARES, Ismar de O. **Educommunication**. São Paulo: NCE–ECA/USP. 2004.

SORRENTINO, M. **Vinte anos de Tbilisi, cinco da Rio 92**: A Educação Ambiental no Brasil. Debates Socioambientais. São Paulo, CEDEC, ano II, nº 7:3-5, jun/jul/ago/set 1997.

THOMPSON, J. B. **A mídia e a modernidade**: uma teoria social da mídia. Petrópolis: Vozes, 1998.

TRIGUEIRO, A. **Meio ambiente no século 21**: 21 especialistas falam da questão ambiental nas suas nas suas áreas de conhecimento. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

WHYTE, A. V. T. **Field methods in guide lines for fields studies in environmental perception**. MAB. Technical Notes, 1977.

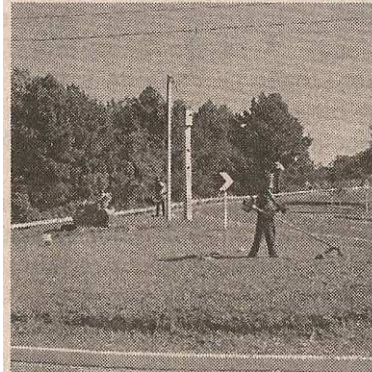
WWF-Brasil. Disponível em: < http://www.wwf.org.br/wwf_brasil/>. Acesso em: 01 nov. 2013

ANEXOS

ANEXO A- Limpeza de canteiros e vias urbanas

Jaguari

Limpeza de canteiros e vias urbanas



Empresa fez o corte de grama do canteiro da entrada da cidade

Através da contratação da empresa Edson Almeida dos Santos ME, a prefeitura de Jaguari está intensificando os serviços de limpeza nas vias urbanas, canteiros e logradouros públicos existentes no município. Durante um ano, a empresa terá a responsabilidade de zelar pela limpeza da cidade.

Há poucos dias a empresa esteve fazendo a limpeza ao longo da Avenida 7 de Setembro, bem como fazendo o corte da grama no trevo de acesso a Jaguari, na saída para Santiago, oportunizando que as pessoas que chegam à cidade tenham uma boa imagem do município.

Para o prefeito João Mário Cristofari, a melhoria da infraestrutura, bem como a sua limpeza é o primeiro passo para uma cidade que quer apostar no turismo como uma ferramenta de atração de visitantes e turistas e, por consequência de incremento para a sua economia.

ANEXO B- Ação a favor da natureza

Meio ambiente

Ação a favor da natureza

No próximo sábado os santamarienses estão convidados a participar de uma ação a favor do meio ambiente. Na Praça Saldanha Marinho, será montado um posto de coleta de lâmpadas para o descarte ecologicamente correto. A atividade será das 9h às 17h. Serão aceitas até cinco lâmpadas por pessoa e, em troca, será doada uma muda de árvore, além de distribuição de material educativo. A ação será em parceria com a empresa de descontaminação e trituração de todos os tipos de lâmpadas Recilux, do município de Canoas. O sistema de tratamento utilizado pela Recilux armazena com segurança todos os componentes das lâmpadas, separando-os e possibilitando a reutilização dos seus resíduos. O descarte das lâmpadas fluorescentes deve ser feito de maneira adequada, pois cada peça contém mercúrio, que, quando quebra libera o metal, que é prejudicial à saúde. A iniciativa é da Secretaria de Município de Proteção Ambiental, Governo do Estado do Rio Grande do Sul, por meio do Balcão de Licenciamento Ambiental Unificado SEMA/FEAPAM/FZB, Corsan e Batalhão Ambiental.

ANEXO C- Postes da cidade com lâmpadas mais econômicas

Postes da cidade com lâmpadas mais econômicas

A Prefeitura iniciou, na tarde de ontem, através da Secretaria de Município de Infraestrutura e Serviços (SMI), a substituição das tradicionais lâmpadas de sódio e mercúrio pelos novos dispositivos de LED, nos pontos de iluminação pública. A intervenção, que começou pela Avenida Presidente Vargas, se estenderá para mais sete ruas da cidade, atingindo mais de 280 postes, em uma primeira etapa do processo.

De acordo com o titular da pasta, Tubias Calil, os benefícios da troca das antigas lâmpadas pelas LED é financeiro e ecológico. "Não tenho nenhuma dúvida dos benefícios que essa tecnologia vai trazer para Santa Maria. As lâmpadas LED têm manutenção quase zero e chegam a mais de 80% de economia no gasto de energia. São custos que serão revertidos em forma de outras benfeitorias para a popu-

lação", comemora Calil.

Em um primeiro momento serão 280, de um total de quase 650 pontos, instalados diariamente em Santa Maria, enquanto as condições de clima permitirem, em oito importantes ruas e avenidas da cidade: avenidas Presidente Vargas, Rio Branco, Nossa Senhora das Dores, Fernando Ferrari, Ângelo Bolson, Walter Jobin, Medianeira e Rua do Acampamento. As ruas que receberão o restante das lâmpadas serão definidas através de um levantamento posterior.

Os dispositivos instalados em Santa Maria foram adquiridos através de licitação junto à empresa Leds House, de Porto Alegre. Com fabricação nacional, as lâmpadas da empresa possuem um sistema chamado "retrofit" que permite a utilização das lâmpadas em qualquer tipo de luminária, reduzindo o custo da migração das tecnologias.



LED apresenta economia de mais de 80% em relação às tradicionais

ANEXO D- Acidente causou dano ambiental

Tupanciretã

Acidente causou dano ambiental

O Serviço de Emergência Ambiental da Fundação Estadual de Proteção ao Meio Ambiente (Fepam) confirmou que o descarrilamento de nove vagões-tanque da empresa ALL, na manhã de quinta-feira, em Tupanciretã, provocou dano ambiental. A composição transportava óleo diesel e gasolina, que vazaram e provocaram contaminação em uma faixa de 150 metros ao longo do ponto onde ocorreu o acidente, segundo informou o chefe do Serviço de Emergência Ambiental da Fepam, André Milanez. A composição tinha 21 vagões. Dos nove que tombaram, três derramaram óleo diesel e um, gasolina. Parte do óleo derramado foi isolada por barreiras de contenção, e o restante está sendo removido dos vagões. A quantidade de combustível derramada ainda não foi calculada.

APÊNDICE

Apêndice A – Questionário - Instrumento de pesquisa

-Idade:

1-Qual o papel dos meios de comunicação na informação ambiental?

INFORMAR

ENTRETER

FORMAR CIDADÃOS CONSCIENTES

OUTROS –ESPECIFIQUE

2-Qual foi sua reação ao ler os quatro textos?

SENTI-ME BEM INFORMADO APÓS LER OS TEXTOS

SENTI INTERESSE POR MAIS INFORMAÇÕES SOBRE O TEMA

FIQUEI COM DÚVIDAS

-Comente, se quiser, sua opção:

3-Qual leitura mais te agradou?

Texto 1

Texto 2

Texto 3

Texto 4

-Justifique sua escolha:

4-De acordo com os textos lidos, você acha que o jornal A Razão está cumprindo qual função?

INFORMAR

ENTRETER

FORMAR CIDADÃOS CONSCIENTES

OUTROS –ESPECIFIQUE

5-Você gostaria de encontrar mais assuntos sobre meio ambiente nos jornais locais?

SIM

NÃO